

Giulia Mancini

Louis & Noémie

Um (a) caso de amor em Paris





DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Louis e Noémie - Um (a)caso de amor em Paris
Giulia Mancini
2014

Capa e Diagramação: Giulia Mancini e João Cortez

Pincéis usados: Obsidian Dawn - www.obsidiandawn.com

Jamie Haxby - www.jamiehaxby.com

Revisão: Bia Dantas

Copyright © 2014 Giulia Mancini

Todos os direitos reservados. Incluindo o direito de reproduzir este livro ou porções deste em qualquer meio, salvo com a autorização por escrito da autora.

Esse livro é uma obra de ficção. Qualquer referência a eventos históricos, pessoas ou lugares reais é puramente ficção. Outros nomes, personagens, lugares e eventos são produtos da imaginação da autora e qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.

Esse conto é um presente! Um presente feito com o maior carinho para todos os leitores que estão comigo nesses três curtos meses desde a publicação do meu primeiro romance, "Duas Vezes em Roma", na internet.

Agradeço do fundo do meu coração a quem confiou no meu texto e fico MUITO feliz em saber que consegui emocionar e tocar o coração de alguém. Mais do que qualquer outra coisa, um autor quer ser lido, quer passar emoção, quer divertir e quer se conectar com os leitores.

Já te levei para Roma e agora te convido a embarcar comigo em uma nova aventura.

Vem, gente! Paris é linda e merece ser explorada!



Índice

Prólogo

Um (a) caso de amor

Louis

Noémie

Trilha Sonora

Apresentação de "Duas Vezes em Roma"

Parte 1

Prólogo

Louis e Noémie acordaram naquela quente e perfumada manhã do fim do mês de Abril com sorrisos estampados no rosto. Imagine um churro com o doce de leite vazando e você tomando o cuidado de não desperdiçar nada, ou o primeiro dia das férias do colégio, ah, ou ainda aquela sensação de acordar sabendo que o hoje será mais feliz do que o ontem. Então, naquela manhã era tudo isso e muito mais.



Louis virou para o lado e viu sua amada Blanche ainda dormindo. Os cabelos claros e brilhantes espalhados pelo travesseiro e a boca se abrindo em sorrisos esporádicos e perfeitos, como se ela estivesse sonhando com um dia de verão na casa de praia da família dele ou com a primeira vez deles, quando tinham 15 anos, ou ainda com os cinco filhos que eles sempre diziam que teriam: dois meninos e três meninas (gêmeas, por favor! Blanche costumava brincar).

- É meio louco você ficar me olhando enquanto eu durmo, Louis - Blanche bocejou pela provável 3.650ª vez, os olhos ainda fechados, pois não foi necessário abri-los para adivinhar o que ele estava fazendo. 10 anos juntos e todas as manhãs, sem falta, ele acordava primeiro e ficava na cama olhando para ela.

- Se um dia você decidir não acordar tão linda quanto hoje, talvez eu não fique te observando - ele sussurrou pela 3.650ª vez, baixando a voz para não tirá-la bruscamente do sono.

Blanche abriu os olhos e sentou-se na cama o mais depressa que pôde.

- Sabia que hoje você não vai trabalhar? - ela lhe disse.

- É mesmo? E o meu chefe sabe disso? - Louis brincou.

- Você vai ligar para ele e vai dar uma desculpa qualquer - Blanche prendeu os cabelos e virou o rosto para ele - não vai?

- E porque eu faria isso? - ele fingiu pensar, pois é claro que ele faria.

- Eu tenho uma surpresa pra gente! - ela exclamou feliz da vida, pegando na mão dele e dando um beijo em cada dedo.

Louis vidrou os olhos nela e nos lábios em formato de coração, nas maçãs do rosto levemente avermelhadas e sem qualquer maquiagem; e nos olhos grandes, que pareciam sempre assustados, como se ela esperasse uma surpresa do destino a qualquer momento.

- Amor, e se um dia eu não acordar? - Blanche indagou, enquanto passava a perna por cima da dele. O short curtinho subindo de uma maneira que os olhos de Louis não deixaram de perceber.

Ele alisou as costas dela bem devagar e disse do fundo do coração:

- Eu volto a dormir também. Para sempre.

Eles ficaram na cama até a hora em que precisaram encarar o mundo.

Já no destino da surpresa, Louis teve que correr para alcançar Blanche.

Assim que desceram do táxi, ela o deixou pagando a corrida e andou apressada até a metade da *Pont des Arts*. Abriu os braços, levantou a cabeça e fechou os olhos; o vento soprando em seu vestido branco e nos cabelos loiros completamente soltos.

Louis teve que se apaixonar novamente por ela.

- Um cadeado pra gente? - ele perguntou, a abraçando por trás.

Blanche colocou os dois braços por cima dos dele e fez que sim com a cabeça.

- Estamos atrasados - ela começou - 10 anos juntos e ainda não eternizamos o nosso amor.

Louis riu.

- Nenhum objeto vai ser capaz de eternizar o que eu sinto, amor. Ainda não inventaram um grande o suficiente - ele brincou.

- Então você não quer fazer? - Blanche se afastou dele, parecendo realmente chateada.

Louis ficou alarmado. Ele sabia que às vezes ela não entendia as brincadeiras dele e, em alguns momentos, até ficava triste por dias e dias. Blanche era assim: completamente emotiva e movida pelas palavras que lhe eram dirigidas. Bastava uma sílaba de carinho e o dia dela ficava perfeito. Mas também bastava uma letra mal interpretada e ela ficaria na cama pelos próximos dois dias.

- Amor, eu estava brincando - ele se corrigiu, entrelaçando seus dedos nos dela - é claro que eu quero fazer isso. Será mais um dos nossos lugares em Paris.

Ela lhe deu um sorriso tímido e tirou um cadeado branco da bolsa. As iniciais deles, "L e B", estavam pintadas em vermelho e corações da mesma cor decoravam o restante do objeto.

Blanche se aproximou da grade e pediu a mão direta de Louis.

- Devemos fechá-lo juntos e, ainda com as nossas mãos grudadas, devemos jogar a chave no Sena - ela o informou.

E assim o fizeram.

Para Louis, foi apenas um ato simbólico para agradar o amor de sua vida.

Para Blanche, foi uma certeza de que eles ficariam juntos para sempre.

Ele encostou-se à grade e ela o abraçou forte, jogando todo o seu peso contra o corpo dele.

Louis teria aproveitado cada segundo daquele abraço se os seus olhos não tivessem parado em um sorriso do outro lado da ponte. Era simples, sincero e provocante, tudo ao mesmo tempo. Como se ela quisesse ter certeza que ele não olharia para mais ninguém.

Ele não sabia explicar o porquê, mas não conseguiu desviar o olhar.

Nem mesmo quando Blanche o chamou pela terceira vez.



Noémie virou para o lado e encontrou-se sozinha na cama. Ainda de olhos fechados, ela sorriu, pois sabia que o viria a seguir. Esticou os braços acima da cabeça e, pela 2.555ª vez, recostou-se no travesseiro de Gael e afundou o nariz nele, tentando absorver o máximo que pôde; o cabelo escuro contrastando com o branco da fronha. Sete anos juntos e todas as manhãs, sem falta, ela passava alguns minutos afogada no lado em que ele dormia.

- Bom dia, amor - Gael se aproximou, saindo do banheiro e voltando a deitar com ela na cama, passando a mão em sua perna.

Noémie mordeu o lábio. Ela era completamente louca pelas mãos dele, mais do que pelo corpo magro, pelo cabelo curto e meio Punk e mais até do que pela boca que ela tanto beijava. Não, não mesmo. As mãos ganhavam de qualquer parte, pois com elas Noémie se sentia protegida e amada.

- Bom dia - ela se recostou no peito forte dele, enquanto colocava uma mecha atrás da orelha.

- Quer ir comigo pro ensaio? - Gael perguntou, fazendo carinho nela.

Eles estavam em Paris há dois dias e ela só havia conhecido o bar no qual Gael faria três shows pelos próximos dias. Noémie queria sair e conhecer Paris. Era a primeira vez dela ali e era um sonho antigo. Um sonho e uma lista de lugares que ela compartilhava com a mãe, que agora não estava mais nesse mundo.

- Não podemos conhecer a cidade? - rebateu - Eu tinha uma ideia para hoje - acrescentou, cautelosa. Ela não queria que Gael pensasse que o trabalho dele não era importante.

- Eu estou te devendo, né? - ele foi sincero - Eu só trabalhei desde que chegamos.

- É só que... - ela buscou as palavras - Paris é a cidade mais romântica do mundo.

- Faremos do seu jeito, então. Eu topo - concordou.

Noémie deu um gritinho.

- Ah, acabei de te cheirar de novo - confessou manhosa.

Gael riu e afagou a cabeça dela, dando-lhe um beijo curto, mas cheio de carinho.

- E se um dia você não acordar mais com o meu cheiro?

Ela não precisou de muito tempo para responder e seu coração doeu só de pensar na possibilidade.

- Eu prefiro não voltar a dormir - fez uma breve pausa e completou - ou talvez jamais acordar.

Noémie fechou os olhos e sentiu-se a mulher mais sortuda do mundo. Ela tinha um amor e um dia inteirinho com ele em Paris. Talvez eles até pudessem seguir alguns itens da listinha de "coisas para fazer em Paris" que ela e mãe escreveram com tanto carinho. Seria, de fato, o melhor dia de todos.

Eles ficaram na cama até a hora em que precisaram encarar o mundo.

Já no destino que ela tinha em mente, Noémie deixou Gael pagando o táxi e correu para a metade da *Pont des Arts*, desde o dia em que descobriu a história daquele lugar, ela decidiu que teria um cadeado ali. Um símbolo para eternizar o amor que eles sentiam.

- Você não está pensando em agredir essa ponte, está? - ele perguntou, rindo.

- Como assim agredir? - ela ficou na defensiva.

- Colocar mais um cadeado aqui - Gael se explicou - eles só prejudicam a sustentação e a beleza da ponte.

Noémie ficou extremamente chateada.

Ele sabia que era da personalidade dela ser uma romântica incorrigível e, naquele momento, ela não estava dando a mínima para a estrutura da ponte ou para a beleza que os cadeados tiravam dela.

- Tudo bem - afastou-se com a cara emburrada.

Gael a tocou de leve no braço.

- Amor, desculpa, - falou, ainda mantendo o tom de riso - mas você sabe que eu não acredito nessas besteiras de eternizar nada. O que basta é o que estamos vivendo. Você não acha?

Noémie puxou o braço com violência.

- O que estamos vivendo? - ela franziu o rosto - Você quer dizer dois dias em Paris e nenhum passeio? - soltou com raiva, cruzando os braços.

Ele forçou um abraço e Noémie cedeu aos poucos, ela não conseguia ficar longe das mãos dele por muito tempo.

- Eu disse que iria ser do seu jeito hoje e é assim que vai ser - Gael murmurou para ela, beijando seu pescoço - esquece tudo o que eu disse e vamos eternizar o nosso amor.

Noémie tirou um cadeado que ela trouxe do Canadá especialmente para aquele momento. Ele era roxo, com decalques de corações cor-de-rosa e as iniciais dos dois, "G e N", escrita a mão por ela com esmalte e um palito.

- Só dá certo se a gente fechar o cadeado juntos e depois jogar a chave no Sena - ela disse animada.

Gael assentiu.

Assim que o ritual terminou, Noémie ficou de costas para o Sena e abraçou o namorado. Ela estava tão feliz naquele momento, o amor dos dois seria para sempre, como ela sempre quis e sonhou.

Ele se afastou bruscamente com a vibração do celular.

Quando Noémie virou a cabeça para pedir mais atenção ao homem que amava, ela encarou o olhar mais sincero que já tinha visto em toda a sua vida. Ele era um completo estranho e ela até se culpou por ter ficado um pouco nervosa com a intensidade que recebia dele.

Noémie não conseguiu evitar em mostrar o seu melhor sorriso. Não foi proposital, foi simplesmente natural. Para ela, aquele olhar profundo merecia um sorriso igualmente contagiante.

Ela não sabia o porquê, mas não conseguiu parar de sorrir.

Nem mesmo quando Gael a chamou pela terceira vez.

Parte II

Um (a) caso de amor

Louis assentia para tudo o que Blanche falava, mas sem prestar atenção; seus olhos ainda estavam na garota de longos cabelos negros, que ainda sorria para ele.

- Vai, por favor? Eu quero tanto passear hoje - Blanche fez biquinho.
- Vamos andar, então - Louis concordou, sem nem mesmo saber sobre o que ela estava falando.
- Sério? Você vai andar de bicicleta comigo? - perguntou animada.
- O que? - ele perguntou confuso e quando associou o termo "bicicleta" balançou a cabeça negativamente - Não. Não mesmo. Podemos andar, amor.

Blanche estava desapontada.

- Quando você vai perder esse medo? - ela perguntou, encostando-se na grade da ponte.

Louis não tinha medo de andar de bicicleta. Ele apenas não sabia andar e não tinha o menor interesse em aprender. Gosto é gosto, não é mesmo?

- Vamos ter essa conversa de novo? - grunhiu baixinho, como se não quisesse que ela ouvisse.
- Eu vou indo, então - Blanche avisou, cutucando o braço dele - eles estão me esperando - terminou, acenando com a mão esquerda.
- Aonde você vai? - Louis perguntou confuso.
- Você prestou atenção no que eu disse? - ela franziu a testa, impaciente - Eu vou andar de bicicleta - falou.

- Blanche... - ele chamou com a voz baixa.

- Nos vemos em casa, tá bom? - despediu-se, dando um beijo na bochecha dele.

Louis deu de ombros. Não havia mais nada que ele pudesse fazer. Blanche gostava de fazer as coisas do jeito dela e se queria andar de bicicleta, certamente ela iria.

Ele ficou olhando, ainda afastado, a cena que se desenrolava com a garota de cabelos negros. Ao que lhe parecia, seu namorado precisava ir embora e ela não estava feliz com aquilo. Quando o rapaz finalmente partiu, Louis caminhou devagarzinho até ela, sem a menor ideia do que estava fazendo ou do que iria falar.



Do outro lado da ponte, Noémie resmungava insultos inaudíveis contra os empresários de Gael, que estavam com ele no telefone há mais de 10 minutos.

Ela tirou a lista que tinha feito e passou os olhos, a sensação cada vez mais forte de que só faria o item número 1.

- 1- Cadeado na Pont des Arts;
- 2- Ficar ouvindo alguém cantar/tocar por, pelo menos, cinco minutos (e cantar junto, se ele/ela deixar);
- 3- Dividir um "mil folhas de morango" na padaria Moulin de la Vierge com alguém especial;
- 4- Dançar descalça no meio do Champs de Mars;
- 5- Passear na Ilha Saint Louis e parar para um sorvete;
- 6- Abrir os braços em baixo da Torre Eiffel;
- 7- Fazer um pedido no Marco Zero, em Notre-Dame;
- 8- Andar em Montmartre e pechinchar uma caricatura/desenho/obra de arte;
- 9- Dividir uma garrafa de vinho com ^{o Gael} ~~um grande amor~~ nas margens do Sena e lembrar de ser feliz.

Cada um dos nove itens, cada palavra e cada atividade era uma lembrança tão viva de sua mãe, que Noémie precisou engolir o choro para não dar vexame em público. De todas elas, a principal era a número três. A Moulin de la Vierge era a padaria em que o pai de Noémie sempre comprava um "mil folhas de morango" para a mãe dela; era a pequena e simples tradição dos dois. Ele aparecia com um mil folhas e ela lhe dava um beijo de gratidão e amor.

Ela queria tanto que as coisas tivessem sido diferentes para eles.

- Amor? - Gael a tirou das lembranças.

Ela suspirou já sabendo o que viria.

- Nos vemos no hotel? - perguntou com a voz baixa.

O namorado assentiu, sem encará-la nos olhos, e se aproximou para beijá-la.

Noémie se afastou e virou o rosto, tomando uma decisão.

Ela devia à mãe e aos seus próprios sonhos que cada uma daquelas atividades fosse cumprida. E ela realmente não sabia quando teria tempo de voltar à Paris; a faculdade tinha acabado há um mês e, assim que eles voltassem para Québec, ela teria que conseguir um emprego. Era agora ou nunca!

- Você vai ficar bem? - Gael perguntou, afastando uma mecha dos cabelos dela, que insistiam em correr com o vento.

A garota não respondeu, apenas acenou a cabeça.

Gael não quis insistir e nem dar motivos para que eles começassem uma discussão bem no meio de uma ponte lotada. Ele simplesmente a beijou na bochecha e se afastou, andando rapidamente para chamar um táxi.

Noémie fixou os olhos no Sena e apoiou as mãos na borda da grade verde e desgastada da ponte. Paris falava com ela de uma maneira que nenhuma outra cidade do mundo jamais falou. Paris falava com o coração dela, falava com a saudade e falava com o amor.

- Você está na cidade mais bonita do mundo e não parece estar feliz - uma voz firme, suave e carregada do forte sotaque parisiense a fez abrir os olhos.

Noémie piscou algumas vezes, para evitar que o vento provocasse lágrimas em seus olhos.

- Eu te conheço? - ela o questionou, sem olhar para ele.

Aquele não era mesmo o momento para um francês saidinho dar em cima dela.

- Não sei, me conhece? Você ficou sorrindo para mim - o estranho respondeu, também colocando as duas mãos na borda da grade.

Noémie se virou para ele e o rapaz dos olhos sinceros estava parado ao seu lado, encarando o Sena. Agora, tão perto, o estranho parecia uma mistura do charme do Chuck Bass com o corpo do Seth Cohen e, é claro, com os olhos impactantes do Nate Archibald. Tudo isso e mais o nariz proeminente, o rosto

barbeado e o cabelo penteado para trás fizeram Noémie dar um suspiro. Ela não achou que seria possível encontrar a combinação perfeita dos seus personagens favoritos em um único cara

- Bem, você não tirava seus olhos de mim - ela deu de ombros, sem perceber que estava flertando com um completo desconhecido e não com o suposto amor de sua vida, o Gael.

O rapaz riu; um riso de concordância e de vergonha.

- Desculpe - ele começou - é meio difícil ignorar o seu sorriso.

Em outra ocasião, e foram muitas, ela simplesmente teria ido embora. Ela tinha namorado e o amava muito, mas a presença do estranho não a fazia sentir como se estivesse fazendo algo errado. Parecia certo trocar palavras com ele.

Voltando a si rapidamente, Noémie afastou as mãos da borda e ficou de frente para ele.

- Eu tenho namorado, *mon ami*, desculpe. Quem sabe na próxima vida? - foi sincera.

O estranho abriu um pequeno sorriso e ficou de frente para ela.

- Que bom que você deixou isso claro, - ele falou com a voz risonha - me sinto obrigado a compartilhar que eu estou noivo.

Ah, claro, Noémie pensou. A loira que ele estava abraçando. Ela queria mergulhar no rio de tanta vergonha, mas não perdeu a pose.

- Noivo? E por que está dizendo para uma completa estranha que o sorriso dela é difícil de resistir? - perguntou, fitando seus olhos castanhos no intenso verde água que deixavam o olhar do estranho ainda mais brilhante e extremamente lindo.
- Boa pergunta, mas eu disse "difícil de ignorar", é você quem está dizendo que é irresistível - ele debochou e deu de ombros, dando às costas.



Louis foi andando em direção à rua para pegar um metrô e voltar para casa. Não adiantava mais ir trabalhar, ele já havia ligado e fingido estar doente.

Colocou as mãos nos bolsos da calça jeans e bufou com certa irritação; algumas coisas seriam bem melhores se ficassem apenas na primeira impressão.

Veja a garota da ponte, por exemplo, pelo sorriso dela era possível afirmar com toda certeza o quanto ela era doce e gentil, o quanto parecia ser carinhosa e atenciosa. Mas a verdade nua e crua era que ela estava irritada com o mundo e não perdia tempo em descontrair em estranhos que se aproximavam dela para uma conversa casual.

Louis riu de suas considerações. Elas não faziam o menor sentido.

- Ei? Ei? Estranho? - ele reconheceu o sotaque nasalado típico do francês canadense, ela estava falando mais alto do que deveria e recebendo atenção de todos que estavam próximos.

Louis parou e olhou para ela, as mãos ainda dentro dos bolsos.

- Eu não quis ser rude, - ela se aproximou e estendeu a mão - Noémie Martel - se apresentou.
- Louis Dauvers - ele esticou a mão direita e apertou a dela. Apesar da mão gelada, seu toque era macio e confortável.
- Como eu disse, Louis, desculpe - sorriu para ele. Agora, tão perto, ele podia reparar nos lábios enormes e finos, que harmonizam com o nariz reto e os olhos com cílios volumosos.
- Tudo bem, - ele retribuiu o sorriso - eu estava mesmo pensando sobre o quanto é estranho alguém te encarando e depois o cara ainda vem puxar conversa.

A garota de cabelos negros ou, como ele agora bem sabia, Noémie riu e concordou com a cabeça. Ela apertou o cardigã rosa claro no corpo.

- Vamos sair da ponte, - Louis propôs - a água deixa tudo mais frio.

Noémie hesitou por um momento, mas depois o seguiu.

- Então, - ele voltou a puxar conversa - você não parece feliz de estar em Paris.

- Paris me trouxe alguns problemas - confessou.

- Problemas de amor?

- E existem outros? - riu.

- Na verdade, - ele respondeu, tomando o cuidado de não parecer um completo babaca - existem sim.

Noémie parou abruptamente e tocou de leve no braço de Louis, fazendo-o parar também.

- Meus Deus! É verdade! - ela levou as mãos à cabeça e riu, sem graça - eu soei como uma mimada egoísta.

Louis não pôde evitar o sorriso.

- Ei, calma aí - falou em um tom de brincadeira - eu quis dizer que existem sim outros problemas, mas não acho que você deve se culpar por achar que os seus são os piores. Afinal, é você quem está passando por eles.

Ela olhou para ele, desconfiada.

- Uau! Por essa eu não esperava. Achei que você fosse do tipo idealista que pensa nos problemas do mundo, tipo a fome e a pobreza.

- Viver de ideais é uma bobagem e eu realmente me importo com questões sociais, mas não julgo quem tem outras prioridades - falou seguro.

A garota continuou olhando para ele, mas não fez comentários.

Chegaram ao fim da ponte em silêncio.

- Bem, até mais, Noémie - ele se despediu, estendendo a mão.

- Até mais - ela aceitou o cumprimento.

Louis estava a poucos passos de distância quando o sotaque canadense atacou mais uma vez, fazendo-o parar e virar para ela.

- Você quer tomar um café? - Noémie estava na mesma posição em que ele a havia deixado. E parecia lutar consigo mesma por ter tido a coragem e audácia de convidar um cara, que não era o seu namorado, para tomar alguma coisa.

No momento, ele não sabia se disse o que disse para não ver o desapontamento nos olhos dela ou porque ele realmente queria continuar a conhecê-la melhor.

- Eu conheço um lugar bem legal aqui perto - aceitou o convite e andou até a garota de cabelos negros, que sorria.



Noémie sorria aliviada por ele ter aceitado o convite.

Não que ela tivesse algum interesse nele, ela só estava um pouco sozinha e Louis parecia ser um cara legal. Além do mais, o fato dele ter uma noiva já era uma certeza de que não confundiria as coisas. Ela só queria conversar, nada mais. Nada mais mesmo!

- Então, você vai me contar porque não está feliz de estar em Paris? - ele perguntou, andando na frente para mostrar o caminho.

- Meu namorado está ocupado demais para cumprir a listinha de coisas que eu tenho para fazer aqui - respondeu, seguindo-o.

- Então esse o seu problema?

- Você disse que não julgava, lembra?

- Não estou julgando, só não sei por que ele precisa estar junto. É a sua lista, você vai deixar de cumprir pelo simples motivo de não ter companhia?

Noémie não sabia bem o que responder. O estranho, ou Louis, como ela agora bem sabia, tinha toda a razão. Gael não tinha nada a ver com a lista.

- Até que as coisas que você diz fazem sentido - ela concordou.

- Um olhar de fora sempre ajuda - ele deu de ombros e acrescentou - vai me deixar ver a sua lista?

A garota riu em forma de deboche. É claro que um completo estranho não poderia ver a sua amada e preciosa lista. Era pessoal demais.

- Acho que não, quem sabe quando nos conhecermos melhor? - falou, sem prestar atenção nas palavras que saíam de sua boca.

- Veja bem, - começou ele, tirando a mão do bolso para fazer uma contagem com os dedos - primeiro: você me diz que é irresistível. Segundo: você diz que quer me conhecer melhor. Se eu não soubesse do seu namorado, ficaria bem claro que você está me paquerando.

Noémie riu alto.

- Bem que você gostaria, né? Foi maneira de falar! - defendeu-se, sem esquecer-se de dar um soco de leve no braço dele. Como se os dois fossem amigos há anos.



Louis alisou o lugar onde o punho fechado de Noémie havia atingido. Não pela dor, já que ele usava uma jaqueta de couro e nem mesmo sentiu o toque, mas sim por ter ficado surpreso com a espontaneidade das reações dela. Noémie tinha uma leve semelhança com Blanche, mas a primeira parecia fazer as coisas com mais paixão e sorrisos e a segunda buscava suprir uma necessidade de estar viva que nem ela, ou Louis, conseguia explicar.

Quando entraram no Café, uma música em inglês tocava um pouco alta demais. Era uma dessas bem famosas e que ele já tinha ouvido em vários lugares, mas que nunca se interessou em escutar ou prestar atenção. Ele virou a cabeça e a garota acompanhava a letra da canção, apenas com os lábios; Noémie o pegou olhando, dançou com a cabeça, sem parar de cantar e fazendo graça para ele.

- Certo, - Louis disse, ajeitando-se na cadeira de madeira e olhando diretamente para ela - eu já sei que você é canadense, tem namorado, fez uma lista de lugares para visitar em Paris e tem o hábito de convidar estranhos para tomar um café. O que mais eu preciso saber para dar uma espiada na sua lista?

Noémie colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha e sorriu para ele.

Uma mulher de 20 e poucos anos trouxe uma garrafa com água e Louis pediu que ela voltasse depois para anotar os pedidos. Noémie esperou a mulher deixá-los sozinhos para responder.

- Não estou impressionada. Você é péssimo em ler as pessoas - ela disse, tocando o pingente do colar que usava.

- É mesmo? Tenta você então - Louis cruzou os braços e recostou-se na cadeira.

- Você é artista - ela começou, colocando os dois cotovelos na mesa e apoiando o queixo nas mãos - um pintor... Não, um poeta. Você não tem horário fixo para trabalhar e por isso pode passar seu tempo andando por Paris. Você tem o costume de se aproximar de estranhos para puxar assunto e, quem sabe, ter alguma inspiração para os seus textos. Você conhece muitos Cafés na cidade porque frequenta muitos deles quando precisa de um lugar movimentado para escrever. Ah, você tem uma noiva - terminou triunfante.

Louis gargalhou. De um jeito que só Blanche o fazia rir.

- Sou Web Designer, conheço alguns Cafés e, este em particular, eu só sei da existência porque já morei nessa região. Não tenho o costume de me aproximar de estranhos e sim, tenho uma noiva. Você errou feio! - ele disse, colocando a mão na mesa e tocando, sem querer, na pele dela.

- Desculpe, a minha mente viaja bastante, mas eu preciso te falar que a ideia de você ser um poeta é mais interessante. Tem certeza que você não escreve nadinha? - ela insistiu, rindo também.

A partir daquele momento, a conversa fluíu como se os dois não conseguissem parar de falar. Louis descobriu que ela realmente era canadense e Noémie esnobou das habilidades investigativas dele,

afirmando que "o sotaque a entregou desde o começo". Ela tinha acabado de se formar em Letras na Universidade de Berkeley, na Califórnia, e que ela estava em Paris acompanhando o namorado cantor em sua turnê pela Europa. Ela tinha 21 anos e milhões de sonhos. Sendo os principais deles: trabalhar como jornalista, viajar pelo mundo com uma única mochila e casar na polinésia francesa. Esse último, Louis até perguntou o motivo, mas ela apenas riu e não respondeu.

Eles conversaram sobre trabalho, lazer, férias, e inúmeros assuntos que iam sendo emendados, um atrás do outro. Louis até confessou seu medo irracional de bicicletas e ela segurou sua mão e lhe disse que bicicletas são superestimadas.

- Ah, eu também gosto de sair nas fotos das pessoas, sem ser convidada, é claro - ela riu.

- Como assim? Você só fica lá atrás?

- Sim - respondeu ela - imagina a cara da pessoa quando vê a foto e me vê lá? Sorrindo ou fazendo graça? Deve ser bem engraçado!

Enquanto contava sua vida, Noémie cruzava e descruzava as pernas, mexia na barra do vestido lilás, bebericava um gole d'água, baixava os olhos e depois encarava Louis de um jeito firme e intenso. E ela não parecia estar com vergonha e muito menos ser tímida, e Louis sabia que ela não estava planejando essas interações e gestos que poderiam indicar algum interesse. E ele sabia disso porque sentia a mesma coisa.

Tudo o que dizia e fazia era automático. Não havia tempo de planejar ou de pensar nos detalhes ou nas consequências, era como se alguém estivesse puxando as cordinhas e eles fossem marionetes; movimentadas ao bel prazer de algo muito mais forte e poderoso.

- E qual é o seu filme preferido? - ela indagou.

- Laranja Mecânica. E o seu?

- Um Amor para Recordar. Comida?

- Paella. A sua?

- Lasanha. Um livro?

- Qualquer um do Sartre. E o seu?

- Qualquer um da Meg Cabot.

Louis se aproximou da mesa.

- Você estudou letras e está me dizendo que prefere uma autora de comédia romântica?

- E qual é o problema? - ela levantou a sobrancelha.

- Você é estranha - ele disse simplesmente.

- O Diário da Princesa vai ser um clássico em alguns anos, senhor "laranja mecânica" - Noémie brincou, fazendo aspas no ar.

- Aposto que sim, mas... - Louis foi interrompido pela garçonete rabugenta que se aproximou para anotar os pedidos.

- Dois cafés, por enquanto - ele pediu.

- E eu quero um suco de laranja - Noémie adicionou.

- Eu pedi um café para você.

- Eu não bebo café - ela o informou.

- Então por que você me convidou para tomar café?

- Sei lá, você pode tomar café, se quiser, mas eu quero um suco - ela riu.

A garçonete olhava para eles como se estivesse lutando consigo mesma para não virar a garrafa com água em cima dos dois.

- Dois cafés e um suco, só isso? - ela confirmou, entediada.

- Só um café e um suco - ele corrigiu, olhando para ela.

Ela riscou o bloquinho furiosamente e saiu pisando forte.

Noémie ria.

- Quanta simpatia, vamos deixar uma gorjeta bem gorda - ela disse, entre risos.

- Ironia?

- Não. Se deixarmos uma boa gorjeta, talvez ela seja mais simpática com os próximos clientes. A gente não sabe o que está acontecendo com ela, pode ser um namorado, as contas, ou só um dia ruim. O que custa tentar ajudar?

Louis se encantava cada vez mais. Se é que era possível.

- O que? - perguntou, já que ele não tirava os olhos dela.

- Tenho uma ideia, - começou ele, mudando de assunto - me deixa ver o seu tocador de MP3?

- Pra que?

- O gosto musical diz muito sobre uma pessoa

Ele esperava algum questionamento ou um monte de perguntas. Mas Noémie considerou a questão por alguns segundos e, por fim, disse:

- Você vai me deixar ver o seu também?

- Claro - falou, tirando um iPod do bolso e entregando-o a ela.

Noémie abriu a bolsa e procurou seu celular na bolsa e, quando finalmente o achou, abriu na pasta de músicas e Louis já pegou o aparelho com um sorriso sacana no rosto.

- Vamos lá, agora eu vou descobrir tudo a seu respeito.



Noémie sabia que não deveria ficar mexendo no cabelo e nem olhando para ele do jeito que ela sempre fazia quando queria conquistar alguém. Mas uma vozinha, cada vez mais alta, mandava instruções de comportamento. E Louis fazia perguntas e discutia as respostas dela como se quisesse devorar qualquer informação, como se quisesse absorver o máximo que podia.

Toda aquela conversa de "preciso te conhecer antes de te deixar ver a lista" era só uma boa desculpa para continuar conversando e passando um tempo com ele. O seu próprio Chuck Cohen Archibald.

Noémie riu internamente. Ela tinha mesmo criado um apelido para ele?

No fim do dia, ela voltaria para Gael e ele voltaria para a noiva, mas enquanto pudesse, Noémie queria aproveitar cada segundo.

- Miley Cyrus, Demi Lovato, Fergie, Rihanna, Mariah Carey, Taylor Swift, Britney Spears - ele foi lendo a lista de músicas do celular dela - Quantos anos você tem mesmo?

Ela mostrou a língua.

- É errado julgar as pessoas pelo seu gosto musical - ela respondeu - na verdade, é errado julgar por qualquer preferência. Além do mais, nunca se é velha demais para ouvir músicas de amor.

- A Rihanna canta músicas de amor?

- Canta sim! - defendeu-se - é claro que ela tá praticamente nua em todos os clipes e o cara sempre fez algo errado ou estragou a relação, mas não deixa de ter sentimentos.

- Aham - ele balançou a cabeça.

- Imagine o que você pensaria se eu não tivesse deletado as músicas das Pussy Cat Dolls - ela riu.

- Pussy Cat Dolls?

- Ai Meu Deus! Em que mundo você vive? - Noémie gesticulou, levando as mãos a cabeça.

- Não no mundo das Pussy Cat Dolls, aparentemente - ele respondeu, o sotaque francês presente na pronúncia das palavras em inglês.

- Para sua informação, elas são cantoras - explicou - quero dizer, a Nicole canta, as outras só ficam rebolando a bunda e meio que torcendo para a Nicole ficar doente e, quem sabe assim, elas teriam alguma chance.

Louis riu.

- Isso é sério?

- Deve ser, o mundo dos famosos é cheio de inveja e ganância - respondeu, como se entendesse do assunto.

- Você é canadense, mas é completamente americanizada - continuou.

- O mundo é completamente americanizado, *mon cher*, não dá para fugir.

- Não deixe que os franceses te escutem - ele sussurrou, como se estivesse falando algo que ninguém poderia saber.

- Ah, é mesmo? Quando entramos, a música ambiente era "Big Girls Don't Cry" - falou ela, e estendeu o dedo para ele fazer silêncio ao mesmo tempo em que fechava a mão em volta da orelha para apurar melhor a música que tocava - Agora temos "Umbrella" da Rihanna. Nada americanizado, né? - debochou e começou a ler as músicas do iPod de Louis - Quidam, Françoise Hardy, The Smiths, Françoise Breut, M83, Daft Punk, Phoenix - foi lendo de um jeito blasé até fazer um mini escândalo - The Strokes? Sério?

- Qual é o problema dos Strokes?

- Eles são o máximo da cultura americana - ela riu.

- Talvez eu tenha exagerado - Louis cedeu - já posso ver a lista?

Noémie se perguntou qual era a dele com a lista? Que curiosidade era aquela?

Se eles estivessem em um livro da Meg Cabot, aquele seria o momento em que os dois se conectariam ainda mais. O mocinho querendo saber mais da mocinha, querendo compreender quem ela realmente era. E, de fato, pouco mais de uma hora não era tempo suficiente para conhecer ninguém e, muito menos, para confiar. Mas ela não sabia explicar porque acreditava em Louis, porque ela sentia que ele era um dos bons, um dos mocinhos que qualquer garota teria sorte de ter, tipo um *Michael*.

- Bem, eu não gosto dos Strokes - disse finalmente, abrindo a bolsa e tirando um pequeno caderno.



Louis pegou o caderno e leu cada um dos nove itens que ela havia listado.

Ela o observava e parecia debater alguma coisa em sua mente.

- Ah, agora eu entendo porque você precisava de companhia. Alguns itens requerem a presença de alguém especial - ele disse.

- Sim, mas eu decidi seguir o seu conselho e fazer o que eu puder sozinha. Quem sabe um dia eu não volto aqui com alguém especial? - ela disse e levou à mão a boca - quem sabe um dia um não volto aqui com o Gael.

Louis optou por não comentar. Ele não podia culpá-la por não ter pensando no namorado, já que ele mesmo não pensava em Blanche desde quando começaram a conversar.

Que ele amava Blanche, Louis não tinha dúvidas, mas ele também sabia que estava fascinado por Noémie. O dia estava tomando rumos que nenhum dos dois jamais esperou, isso sim era uma certeza.

Noémie não quis entrar em detalhes sobre a lista e ele achou que era uma maneira de evitar o assunto "alguém especial".

- 9 itens? Não dava para fechar com 10? - ele riu.

- Cara, você é muito chato, sabia? Eu não tenho uma décima opção e não vou inventar nada só para entrar em um padrão - desafiou, a voz pronta para defender o que ela acreditava.

- Você é realmente estranha - ele repetiu.

- Pode me devolver o caderno? - pediu Noémie, impaciente, estendendo o braço para tirá-lo das mãos dele.

Louis afastou o braço.

- Você canta?

- Sim, pode me devolver agora?

- Qual é a dessa padaria? Nunca ouvi falar.
- Não interessa. Pode me devolver agora?
- Porque você quer dançar de braços abertos?
- Não interessa.
- Você tem certeza que o Gael é um grande amor?
- O que?
- Aqui, - ele apontou para a lista - você riscou "grande amor" e escreveu Gael à mão.
- Sim, tenho certeza - Noémie agora estava com raiva.
- Você não parece muito certa.
- E você tem certeza que a sua noiva é o *seu* grande amor? - ela rebateu.
- Sim, tenho certeza.
- Você também não parece muito certo.

Ambos baixaram os olhos e ficaram em silêncio por alguns minutos.

Quando voltaram a se encarar, Noémie quebrou a ausência de palavras e o excesso dos sons de respiração com uma questão simples, mas que definiria todo o desenrolar do dia e, quem sabe, do futuro.

- Nós somos amigos, não é? Quero dizer, acabamos de nos conhecer e estamos felizes. Você com a loira e eu com o Gael.

Não era uma pergunta, Louis percebeu, era uma afirmação. Era uma declaração que o tal que controlava as marionetes não controlaria o coração deles. Os dois tinham eternizado um amor por outras pessoas ainda naquela manhã, os dois tinham planos e anseios que não incluíam umaaventurazinha entre uma turista e um residente. Os dois sabiam que, o que quer que aquilo fosse, ali terminaria.

- Sim, amigos - ele concordou, devolvendo o caderno a ela.

Noémie sorriu.

Ele a observou guardar o caderno na bolsa.

- Se você quiser, posso te acompanhar - propôs, mas já sabia a resposta.

- Não precisa, mas obrigada. Acho que consigo fazer o Gael tirar pelo menos uma tarde de folga para passear comigo.

- Então eu nunca vou descobrir porque você quer dançar de braços abertos no Champs de Mars? - perguntou Louis, para aliviar a tensão.

- Tem coisas que sempre vão ficar sem resposta, tipo, o que aconteceu com Amelia Earhart? Ou, o que será que a Amy Sherman-Palladino preparou para o final de Gilmore Girls (tal mãe, tal filha)? - ela relaxou, brincando também.

- Não entendi a segunda referência.

- Imaginei que não, senhor "laranja mecânica".

Noémie só voltou a falar quando já estavam do lado de fora do Café.

- Viu, acho que funcionou - disse, apontando para a garçonete sorrindo com a gorjeta que haviam deixado - de nada - ela acrescentou para um casal que esperava na fila para entrar.

Eles olharam para Louis, meio que perguntando se Noémie tinha algum problema, mas ele só conseguiu sorrir e ficar ainda mais bobo por ela.

- É, você estava certo...

Noémie o interrompeu.

- Droga! Preciso usar o banheiro, você me espera ou precisa ir embora?

- Eu posso esperar - assentiu e ela correu para dentro.

Bastou que a garota passasse pela porta de vidro, para seu celular tocar.

Era a Blanche.

- Amor? - ela disse chorosa - você precisa vir correndo para casa, tem sangue por toda a parte.

Louis ficou pálido e começou a andar para chamar um táxi. Deu meia volta, lembrando-se de Noémie.

- Papel e caneta - ele pediu ao garçom que servia drinks aos que esperavam para entrar.

- Não tenho.

- Papel e caneta. Agora! - ele gritou, e não era mais um pedido.

O rapaz tirou um bloco do bolso e lhe entregou a caneta.

Louis anotou seu nome, telefone e e-mail.

- Entregue para uma garota chamada Noémie, ela tem cabelo escuro e está usando um vestido lilás.

Avise que eu tive que resolver uma urgência, mas que ela, por favor, entre em contato comigo.

O garçom assentiu e Louis correu, entrando no primeiro táxi que passou.



Noémie reaplicava o batom e maquinava um jeito para que Louis continuasse em sua vida. Quem sabe eles não poderiam esquecer toda a paquera e todo o flerte e tentar, de fato, uma amizade? Eles até poderiam sair para jantar, em quatro, Blanche e ela ficariam amigas e Gael os convidaria para os shows da sua turnê.

- É, como se isso fosse acontecer - disse para o seu reflexo, passando a mão no cabelo.

Quando chegou do lado de fora, Noémie abriu um pequeno sorriso. Um misto de alívio e desapontamento. Louis não estava mais lá porque ele também sabia que uma amizade nunca daria certo. Quanto mais tempo eles passassem juntos, mais questionariam as relações em que agora estavam vivendo.

- Tchauzinho, senhor laranja mecânica. Foi um prazer - ela se despediu, apertando o cardigã contra o corpo e andando na direção aposta de Louis.

Enquanto isso, o garçom entregava um bilhete para outra garota de cabelos negros, já que ele não havia prestado atenção nas instruções de Louis.

Parte III
6 anos depois

Louis

Eu estava naquela ponte mais uma vez.

Na ponte em que, há seis anos, Blanche e eu eternizamos o nosso amor e a nossa história juntos. E eu voltava ali anualmente, sempre no dia em que ela me deixou, sempre como uma forma de me sentir livre para pensar em nós dois por horas e horas.

Sentado no banco frio, eu olhava triste para os casais que passeavam pela ponte. Bem na minha frente, uma mulher se curvava analisando cada um dos cadeados, provavelmente procurando um que ela mesma havia colocado ali.

Na primeira vez eu até que tentei procurar o nosso cadeado, mas depois de alguns minutos eu desisti, achei que doeria ainda mais vê-lo ali e não poder levá-lo comigo.

Levantei-me e caminhei devagar até a grade verde da ponte, olhando para o Sena e voltando a pensar em Blanche e em como ela ficou feliz de eternizar o que sentíamos um pelo outro.

- Ei, o que você está fazendo aí? - um segurança se aproximou.

A mulher curvada olhou assustada para mim e depois para ele, ela estava com um alicate em mãos e parecia decidida a cortar um dos cadeados.

Pelos segundos que os nossos olhares se cruzaram, eu senti uma pontada arrepiante na espinha. Será que eu a conhecia de algum lugar?

Ela se movimentou rapidamente e colocou seu braço por dentro do meu, como se nos conhecêssemos.

- Ei... - eu comecei e ela me pediu para fazer silêncio.

- O que você está fazendo, senhora? - o segurança voltou a perguntar.

Ela olhou para ele com a expressão mais cínica do mundo e depois para mim.

- Ai, querido, eu não estou conseguindo tirar o *nosso* cadeado - ela disse, afastando uma mecha de cabelo da frente do olho.

- O nosso... - eu comecei a falar e ela apertou a minha costela.

Doeu muito.

- Ah, senhor guarda - ela se dirigiu ao homem, como se só agora tivesse se dado conta de que ele estava ali - veja bem, anos atrás nós colocamos um cadeado aqui e queremos trocar, agora que nos casamos, queremos uma nova prova de amor - suspirou a mulher.

Eu nem me atrevi a comentar, meus olhos ainda estavam lacrimejando do aperto nas minhas costelas.

- Sei - o guarda se aproximou ainda mais - tudo bem senhor?

A mulher olhou para mim e sorriu, e eu senti uma leve ameaça no ar.

Definitivamente eu a conhecia de algum lugar. Mas da onde?

- Oh, sim. Tudo bem - concordei.

- Ele está emocionado, não é amor? - ela sorriu, colando seu corpo no meu.

- Não é permitido tirar os cadeados, senhora - o guarda nos informou, ainda desconfiado.

- Mas a tradição diz que se formos colocar outro, devemos tirar o antigo - argumentou ela, com ar sério.

- Nunca ouvi falar nessa tradição.

- Bem, você precisa se informar melhor, então.

- Não é permitido, ok? - ele repetiu, já cansado.

- Tudo bem, se você diz - ela deu de ombros e o guardinha foi se afastando, ainda olhando para nós.

Assim que ele estava longe o suficiente, a mulher me soltou e guardou o alicate no bolso do casaco.

- Desculpe por isso, senhor, mas eu entrei em pânico - acrescentou para mim, passando a mão no lugar

em que havia apertado.

Eu não sei o que foi mais constrangedor, ela me apertando ou me alisando.

- Não tem problema - falei, me afastando daquela lunática.

- Eu só queria tirar o cadeado, sabe? O amor não deu certo e eu achei que poderia ser um novo começo - ela me confidenciou e eu só balancei a cabeça.

- Não pense que eu sou louca por acreditar nessas coisas, mas eu estou ficando sem esperanças - a mulher continuou a compartilhar.

Eu me perguntei se alguma coisa na minha aparência chamava a atenção de pessoas estranhas e loucas. Geralmente, eu sempre acabava em situações onde completos estranhos fingiam que éramos amigos de anos e começavam a compartilhar suas vidas comigo. Na fila do banco, no mercado, na ponte... Era sempre assim.

- Você não fala muito, não é mesmo? - ela me cutucou no ombro, pois eu ainda encarava o Sena - tá vendo alguma coisa em particular?

Balancei a cabeça negativamente.

- Então está olhando para o nada?

Balancei a cabeça positivamente.

- Não sei o que aconteceu com você, *mon ami*, mas não custa muito ser um pouco educado - ela disse, colocando as duas mãos na grade de ferro.

- Educado com uma desconhecida que apertou as minhas costelas e quase me fez chorar de dor? - retruquei ainda sério.

Aparentemente ela achou que eu estava brincando, porque deu uma gargalhada.

- Sinto muito - desculpou-se, mas não parecia estar com vergonha.

Eu me virei para ela no mesmo instante em que ela se virou para mim.

Seis anos tinham se passado. O cabelo dela agora estava curto, na altura dos ombros, o vestido lilás de menina foi trocado por uma calça social com uma blusa de seda e, sobre tudo isso, um trench coat marfim. Ah, não posso esquecer: botas de salto agora substituíam os tênis brancos de outrora.

Tenho certeza que ela também me reconheceu, pois abriu os lábios em um sorriso e a única coisa que eu jamais pensei que deixaria de existir, também havia mudado: o sorriso dela. Antes, seus lábios grandes e finos se mostravam provocantes e cativantes, agora pareciam vagos e frios. Como se só sorrissem por sorrir.

- Louis? - indagou, e eu percebi a insegurança em sua voz.

- Noémie! - falei, dando certeza de que sim, eu era o cara que havia tomado café com ela há seis anos.

Noémie pulou nos meus braços e me abraçou forte, como se quisesse matar a saudade de um amigo que não via há anos.

Eu fiquei surpreso com a demonstração de afeto dela e demorei alguns segundos para retribuir o abraço. Aquele abraço, por sinal, era o primeiro, em anos, que eu dava em uma mulher. E surpreendentemente, eu acho que sentia falta disso. Senti meu coração aquecido pela primeira vez em muitos anos, Noémie despertou em mim o que há muito eu havia esquecido. E eu gostei.

- Meu Deus! Não posso acreditar - exclamou com a voz embargada de felicidade - eu achei que nunca mais fosse te ver, Louis!

Retribui o sorriso e me afastei um pouco mais dela, reparando, mesmo que por pouco tempo, que o sorriso que eu tanto gostei ainda estava ali. Em algum lugar.

- Eu também! Eu fiquei sem ter notícias suas e achei que você tinha optado por não me procurar - falei, sincero, já que eu tinha deixado meus contatos com ela naquele dia.

- Como assim ficou sem ter notícias minhas? E eu optei por não te procurar? - ela repetiu, o rosto expressando confusão.

- É, eu deixei meus contatos com você naquele dia - me expliquei, colocando as mãos dentro da calça

jeans.

- Não deixou mesmo, você simplesmente sumiu - ela foi direta e eu senti um pouco de ressentimento em sua voz, como se o meu suposto ato de sumir sem deixar qualquer contato a tivesse magoado profundamente.

- Eu deixei sim, Noémie, deixei meu nome, telefone e e-mail com o garçom que estava lá fora. Eu pedi para que ele te entregasse - voltei a me explicar, na esperança de que as minhas palavras tivessem algum peso positivo no que ela pensou de mim naquele dia.

- Pois ele não entregou - Noémie agora me olhava nos olhos e eu precisei desviar o olhar para que ela não conseguisse me ler por completo.

- Não acredito!

- Pois pode acreditar - ela disse com um suspiro.

Ambos nos viramos para encarar o Sena.

Eu não voltei a procurá-la porque pensei que Noémie não queria mais nada comigo. Pensei que ela tinha escolhido seguir com a sua vida e não me incluir nela. Aquele dia, juntos, me fez questionar muitas coisas, principalmente a minha relação com Blanche. Eu pensei que ela tinha sentido o mesmo, percebendo que nunca seríamos amigos.

Foi desapontador e triste, mas eu entendi o lado dela e me conformei.

- Eu achei que você tinha ido embora - balbuciou com uma voz fina.

Mais alguns minutos de silêncio, e ela volta a me abraçar.

- Ai, Louis, nem acredito que nos reencontramos. E nessa mesma ponte! - exclamou. Eu logo pensei que ela tinha decidido não ficar chateada comigo pelo "sumiço".

- Então, Louis, o que aconteceu com você? - Noémie colocou as mãos nos bolsos do casaco. Se eu bem lembrava, ela sentiu muito frio naquele dia de primavera e hoje, praticamente no começo do inverno, suas mãos deveriam estar ainda mais geladas.

- Nada demais, aposto que a sua vida deve ter sido bem mais interessante.

Eu não queria falar sobre mim e mesmo sabendo que ela estava se referindo a minha visível tristeza, optei por responder da maneira mais clichê que existe no mundo daqueles que se encontram de tempos em tempos.

- Você nem imagina - ela riu e apontou para o banco - Vamos sentar?

Eu a segui.

Noémie esperou que eu me sentasse para, só então, se acomodar bem ao meu lado, mais próxima do que eu me sentia confortável e, ao mesmo tempo, mais longe do que eu gostaria.

Minha cabeça girava de perguntas e inquietações. Eu ainda, vez ou outra, me pegava chorando por Blanche e agora meu corpo pedia mais contato, toques e trocas de olhares com Noémie. O tal das marionetes tinha voltado ao trabalho e eu me controlando ao máximo para não deixá-lo me dominar.

- O que eu nem imagino? - puxei conversa com ela.

- Você se lembra dos meus sonhos?

- Eram uns 12 milhões, mas acho que eu me lembro dos principais - brinquei e os enumerei - trabalhar como jornalista, viajar pelo mundo e casar na polinésia francesa. Não é isso?

Ela arregalou os olhos e assentiu surpresa. Até eu fiquei abismado com a facilidade de repetir coisas tão pessoais e com imensa precisão, pois sabia que eu estava certo.

- Bem, eu não tenho muito tempo para viajar, não dei certo na carreira jornalística e, provavelmente, não irei casar tão cedo na polinésia francesa ou em qualquer outro lugar - ela riu de um jeito frio, fazendo piada de si mesma.

- Mas é normal mudar de sonhos, você era bem novinha. Tinha acabado de terminar a faculdade - eu disse.

Ela balançou a cabeça e me deu um meio sorriso.

- Você está diferente, Louis - comentou - seu olhar está triste.

Eu não respondi.

- Você está bem? - Noémie insistiu.

- Sim, também estou com alguns problemas - eu a informei, mas sem entrar em detalhes - e o que você faz agora?

Ela fez menção de insistir, mas pedi com o olhar que ela não tocasse mais naquele assunto. Noémie ainda conseguia entender os meus pedidos sem uma troca sequer de palavras.

- Eu sou chefe da equipe de tradução de uma editora.

- E o que isso quer dizer?

- Quer dizer que eu coordeno pessoas na tradução de manuscritos e eu também viajo para leilões de originais.

- É isso que você veio fazer em Paris?

Ela assentiu.

- Qual foi a besteira que ele fez? - mudei de assunto.

- Quem te disse que foi ele que fez besteira?

- Não foi o Gael, não é esse o nome? - falei e ela concordou - que fingiu ser casada comigo para tirar um cadeado da ponte.

- É, faz sentido.

- E, além disso, não acredito nem por um segundo que você seria capaz de magoá-lo. Ele ou qualquer outra pessoa.

- Você fala desse jeito com todo mundo? - perguntou.

- De que jeito?

- Sei lá, como se fizesse questão de fazer com que a gente se sinta melhor.

- Não faço de propósito - dei de ombros.

- É, aposto que não.

- E então? - eu insisti. Era melhor que falássemos sobre ela e não sobre mim.

- O suposto amor da minha vida ficou famoso e se achou no direito de ter duas, três, quatro namoradas. Uma em cada canto do mundo.

- Nossa, que babaca! - falei sem pensar.

- Sim, muito babaca - concordou rindo.

- Foi recente?

- Terminamos há dois anos e meio e, desde então, meus relacionamentos não duram nem um mês. Essa semana a empresa me mandou para Paris e eu achei que tirando o cadeado da ponte daria um final definitivo para o meu relacionamento com o Gael.

- Você está falando sério? - não consegui evitar o ceticismo.

- É como eu te disse, qualquer coisa para dar um jeito na minha vida e ser feliz - respondeu, tirando a mão do bolso e esbarrando na minha.

Meu corpo tremeu levemente, e não foi pelo vento que vinha do rio.

- Eu não acredito muito nessa tradição dos cadeados. Cadeados têm mais a ver com aprisionamento do que com felicidade, você não acha?

- Desculpa, Grinch do amor, mas o seu ponto de vista é bem negativo.

Grinch do amor? Eu tive que rir.

- Noémie, - comecei, ainda rindo com o ataque gratuito dela - isso não tem nada a ver com amor. E, além do mais, esses cadeados vão acabar derrubando a ponte.

- Tudo tem a ver com amor, Louis - ela esbravejou. Era como se tivesse ficado com raiva de mim.

- Calma aí, foi alguma coisa que eu disse? - perguntei surpreso com a reação exagerada dela.

- Não foi nada - respondeu friamente.

Sem pensar, coloquei a minha mão sob a dela. Noémie não se afastou, mas também não me olhou nos olhos.

- Você ainda tem aquela lista? - tentei deixar as coisas mais calmas, o frio entre a gente se adequava ao tempo da cidade. Aquele era um dia de fim de outono e o frio começava a chegar a Paris. O céu cinza escondia o brilho do sol e deixava tudo ainda mais triste e depressivo; mas é claro que uma leitura do clima sempre se relaciona com o coração do analisador. Para mim, era um cinza de tristeza, mas para os casais da ponte, era uma desculpa para namorar e trocar abraços quentes e confortáveis.

A expressão de Noémie se suavizou e ela até esboçou um sorriso, mas puxou a mão para longe de mim sem a menor sutileza.

- É claro que sim - ela foi direta.

- E ainda sobrou alguma coisa para você fazer? - insisti.

Agora foi a vez dela de colocar a mão sob a minha.

- Louis, eu sei que a sua noiva te deixou. Dá para ver no seu rosto, nos seus movimentos e, o pior de tudo, nos seus olhos.

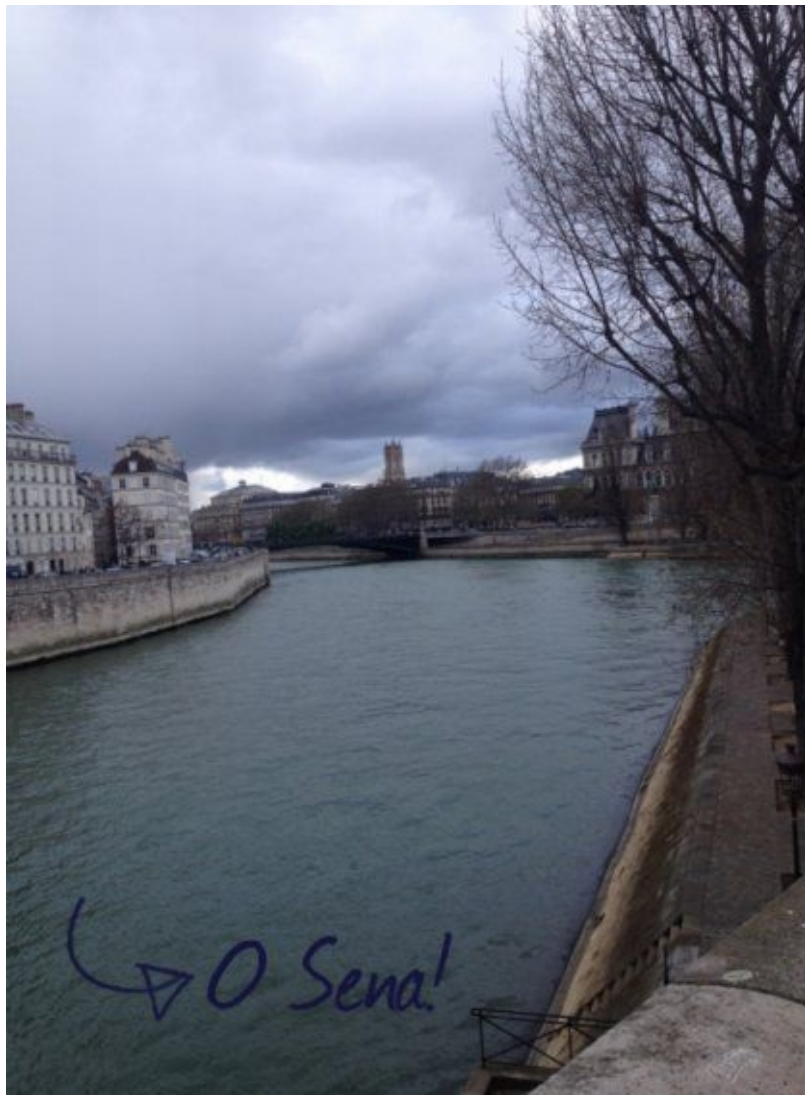
Eu não respondi, mas também não me afastei dela. Sua mão me aquecia na mesma intensidade que um abraço.

- Ela não te merecia, Louis. Dá mesma forma que o Gael não me merecia. Eles são e sempre serão almas perdidas, porque quem faz alguém sofrer simplesmente não conhece o amor.

- Você não sabe do que está falando - falei, mais ríspido do que gostaria.

- Calma, Louis, eu entendo exatamente o que você está passando - ela tentou me confortar.

- Você não sabe do que está falando - repeti e me levantei, voltando a encarar o rio.



Noémie ficou um tempo sentada no banco, deveria estar decidindo o seu próximo passo. Eu não queria que ela fosse embora, mas eu também não queria que ela ficasse. Uma confusão de sentimentos em uma cabeça ainda mais confusa.

Ouvi suas botas batendo no piso de madeira da ponte e ela se pôs ao meu lado, cutucando meu ombro com o dedo indicador. Eu não esbocei qualquer reação e ela continuou me cutucando, quando olhei de esguelha para ela, Noémie sorria.

- Desculpa - pedi com a voz baixa.

- Sabe de uma coisa? Eu não consegui realizar nenhuma das coisas na minha lista. O Gael ficou ocupado o tempo todo e eu acabei deixando para depois, quando dei por mim eu já estava de volta a Quebec. A não ser é claro, pelo cadeado, mas essa acabou sendo a pior decisão de todas - ela me confessou, colocando seu braço por dentro do meu.

- Hum - eu não sabia o que dizer.

- Eu sei que já se passaram seis anos da sua oferta, mas ela ainda está de pé? Quero dizer, você quer me ajudar com a lista?

Meu coração quis gritar um sim, mas a minha cabeça respondeu por mim.

- Desculpe, Noémie, eu não posso - respondi, me virando para ela.

- Não pode ou não quer? - rebateu, visivelmente decepcionada.

- Eu sinto muito - foi só o que consegui dizer.

Ela tentou sorrir, mas não conseguiu. Se aproximou do meu rosto e beijou minha bochecha, quero dizer, seus lábios nem mesmo me tocaram. Era um fantasma de um beijo. Depois ela virou as costas e foi embora.

Meu coração acelerou.

Noémie me faria feliz, eu tinha certeza. Mas eu merecia ser feliz?

Noémie

Para mim estava claro que ele estava quebrado e que, por mais que eu quisesse, não seria eu quem iria ajudá-lo a voltar a ver o mundo como antes. Eu não seria a responsável por trazer de volta aquele brilho no olhar que me encantou um dia. Então, eu mal toquei no rosto de Louis quando o beijei para me despedir. Apenas dei as costas à ponte, a ele e ao que eu achei que poderíamos viver um dia.

Apesar de termos passado só algumas horas juntos, e há seis anos, Louis e eu não éramos desconhecidos. Naquelas poucas horas, eu me senti completamente diferente e me abri de uma maneira única. Naquele dia eu achava que o amor da minha vida era o Gael e que Louis era só uma paixão de viagem, um encantamento por alguém com quem eu jamais teria alguma coisa.

Mas hoje tudo mudou. O nosso encontro não era só mais uma causalidade, era destino. Dois estranhos que voltam ao mesmo lugar onde se conheceram anos atrás, dois estranhos não tão estranhos assim.

Quando olhei nos olhos dele hoje, tudo o que eu senti naquele único dia em que conversamos voltou de um jeito arrebatador é até mesmo assustador. O meu encanto pelo francês de olhos tristes, pela voz dele, pelo jeito em como ele zoava o meu gosto musical, tudo voltou. E eu senti que agora o sentimento era de felicidade e não de culpa. Antes, era a culpa de gostar de alguém quando eu ainda tinha um amor que eu julgava que seria para sempre. Agora, era a vontade de dar uma chance para o que eu acreditava ser uma surpresa encantadora do destino.

Mas é claro que eu mudei e que ele também havia mudado. Há seis anos, a jaqueta de couro, a camiseta simples e a calça jeans escura e o cabelo cuidadosamente penteado davam aquele ar de que ele nem mesmo tentou se arrumar, mas ainda assim conseguiu ficar lindo, sabe? Agora Louis usava um paletó perfeitamente cortado e calça e camisa social perfeitamente ajustadas no corpo, seus sapatos despojados foram substituídos por um sapato de couro e cabelo desgrenhado fazia um par perfeito com a barba cerrada. Lindo, eu sei, mas de um jeito mais sofrido; ele até fez piada com a tradição dos cadeados, do mesmo jeito que o Gael havia feito. Louis agora me lembrava um poeta francês do século XIX, vivendo de um sentimento não recíproco. Mas o que mais mexeu comigo foi o olhar dele. Eu senti a dor dele, eu vi a dor nos olhos dele, mas eu achei que poderíamos nos curar. Eu achei que ele queria me dar uma chance; dar uma chance para o que não vivemos por respeito aos que estavam nas nossas vidas quando nos conhecemos. Coloquei as mãos dentro do casaco, Paris estava fria demais. Assim como o coração de Louis.

- Noémie! Noémie - eu o ouvi gritar.

Sorri assim que parei de andar, mas me virei com uma expressão séria no rosto.

- Por onde começamos com a sua lista? - ele me perguntou ofegante.

Eu poderia ter questionado, ter entrado em um conflito, ter exigido explicações pelo comportamento dele, mas não o fiz. Eu queria que ele confiasse em mim. Louis me contaria quando estivesse pronto.

Andei devagar até ele gingando o corpo e fazendo graça, e o francês me recebeu com um pequeno sorriso.

Tirei a lista da bolsa e dei uma lida, já fazia um tempo que eu não olhava para aquele caderno.

- 1- Cadeado na Pont des Arts;
- 2- Ficar ouvindo alguém cantar/tocar por, pelo menos, cinco minutos (e cantar junto, se ele/ela deixar);
- 3- Dividir um "mil folhas de morango" na padaria Moulin de la Vierge com alguém especial;
- 4- Dançar descalça no meio do Champs de Mars;
- 5- Passear na Ilha Saint Louis e parar para um sorvete;
- 6- Abrir os braços em baixo da Torre Eiffel;
- 7- Fazer um pedido no Marco Zero, em Notre-Dame;
- 8- Andar em Montmartre e pechinchar uma caricatura/ desenho/obra de arte;
- 9- Dividir uma garrafa de vinho com ~~um grande amor~~ nas margens do Sena e lembrar de ser feliz ^{talvez só ser feliz mesmo}

- Por onde começamos? - perguntei, passando a lista para ele.

Louis voltou a ler e olhou para mim, sorrindo.

- Ainda não conseguiu pensar na décima? - brincou.

- Já vai começar? - entrei no jogo dele.

- Certo, onde fica essa padaria? - perguntou ele.

- No 7ème.

Para quem não sabe, Paris é dividida em 20 bairros (1er, 2ème, 3ème e por aí vai...) que formam uma espécie de casco de "caracol". O bairro 1 fica no centro do casco e os demais vão se espalhando. Cada um deles tem o seu próprio charme e fazem de Paris um lugar rico e repleto de diferentes culturas e passeios, um turista jamais conseguiria explorar Paris por completo, me pergunto se até mesmo os parisienses conseguem.

- Certo, - repetiu pensativo - vamos começar com o número 7 "fazer um pedido no Marco Zero" a Notre Dame é aqui pertinho.

- Por mim tudo bem, - concordei feliz - vou chamar um táxi.

- Táxi? Não, vamos de bicicleta - ele me informou.

Se eu bem lembrava, Louis tinha pavor de bicicletas.

- Você superou o medo? - eu estava realmente surpresa.

- Quando se tem medos piores, andar de bicicleta não parece grande coisa - ele respondeu e imediatamente se arrependeu, mudando de assunto - vamos, ela está logo ali.

- Que adesivo legal - eu disse, apontando para a silhueta de um casal se beijando.

- Eles estão espalhados por toda cidade, deve ser alguma instalação. Quando vi, já tinham colado na minha bicicleta - ele deu de ombros.

- Legal, e qual é a história deles? - eu fiquei curiosa.

- Quem sabe? Os artistas de Paris fazem o que querem - ele respondeu, subindo na bicicleta e depois acrescentou - tá pronta para finalmente conhecer Paris?

Eu assenti e sentei de lado na bicicleta, por dentro dos braços dele. Por dentro do meu Chuck Cohen Archibald, que agora estava tão perdido em suas próprias lamentações que nem tempo tinha para se barbear. Eu não consegui parar de sorrir.



▷ Notre Dame!

Em Notre Dame, Louis expulsou um grupo de turistas que monopolizavam o Marco Zero, abrindo espaço para o meu tão esperado desejo.

- Obrigada! - agradei aos turistas que saíam dali resmungando e me amaldiçoando, com certeza.

Coloquei os dois pés no ponto e pedi para que aquele dia demorasse a acabar.

- Vocês não são os donos daqui! - Louis gritou bravo para um homem que lhe mostrou o dedo do meio e eu corri até ele, ficando na ponta dos pés para alcançar sua bochecha.

Tasquei-lhe um beijo longo o suficiente para que ele ficasse sem reação.

- Achei que você merecia, se eu fosse esperar todos eles, o dia acabaria e ainda estaríamos aqui - me afastei encarando os olhos verdes dele, que piscavam por causa do vento.

Louis assentiu e voltou a olhar a lista, estudando qual seria o nosso próximo destino, enquanto isso eu fui para perto de uma senhora e me coloquei bem atrás dela, de uma maneira que eu saísse na foto que uma mulher mais jovem batia dela.

Louis me olhou e fez que não com a cabeça.

Agitei a minha mão discretamente, chamando para que ele se juntasse a mim, mas ele continuou a recusar.

- Noémie! - ele me chamou.

Fingi não ouvir e continuei ali, me movimentando lentamente, como se estivesse olhando para a igreja.

No momento em que a mulher ia bater a foto, me aproximei da senhora e fiz uma careta ao seu lado, depois corri para perto dele. E elas duas ficaram lá rindo e acenando para mim.

Nossa! Há anos que eu não tinha mais ânimo para as minhas pegadinhas nas fotos dos outros.

- Não acredito que você fez isso! - ele me censurou, quando cheguei perto o suficiente para ouvir a voz dele.

- E só vamos embora quando você fizer o mesmo! - falei, batendo o pé.

- De jeito nenhum! - ele se negou e cruzou os braços.

- Ali, vem! - ignorei a negativa e o puxei pelo paletó. Tinha um grupo de alunos batendo uma foto.

- Noémie, - ele protestou - eu não vou fazer isso!

- Rápido! - o apressei.

De novo, pouco antes de o flash disparar, apoiei minhas duas mãos no ombro de um estudante alto e loiro, eu levantei minha perna e fiz biquinho. Louis ficou parado ao meu lado, ainda incrédulo.

Os adolescentes começaram a rir e, um a um, pediram para tirar uma foto comigo. E as meninas querendo uma foto com ele, só aí ele cedeu e ficou com cara de bravo, olhando para mim, enquanto as adolescentes tiravam uma casquinha dele.

- Você não bate bem, só pode ser - ele falou depois que nos despedimos dos estudantes.

O semblante dele está bem diferente. Eu até poderia jurar que ele parecia feliz!

Voltamos para a lista e a bicicleta de Louis me levava para descobrir a verdadeira Paris, a Paris dos apaixonados. Eu observava, animada, os parisienses andando apressados, fumando seus cigarros e batendo papo pelos bancos espalhados pela cidade. No caminho até Montmartre, Louis me contava algumas das coisas que ele amava na cidade: o tempo inconstante, os prédios históricos, o vento batendo no rosto quando ele andava sem qualquer destino, as feiras de livros usados, um expresso em um Café qualquer e tantas outras coisas cotidianas. Eu escutava maravilhada; agora sim eu estava conhecendo a Cidade Luz que eu sempre discutia com a minha mãe. Várias vezes eu vi os adesivos da silhueta de casais pela cidade e o artista por trás delas começou a me intrigar.

- O que será que esse artista quer mostrar com essas silhuetas? - gritei para Louis, o vento frio cortando meu rosto.

- Não sei - ele gritou de volta - por que está tão interessada?

- Qualquer manifestação de amor mexe comigo - respondi ainda pensativa.
- Como têm tanta certeza que é uma manifestação de amor? - me indagou rindo.
- Louis, - comecei - só duas coisas movimentam o mundo: o amor ou a falta dele.

Esperei ele me questionar ou soltar alguma gracinha nada romântica, mas ele apenas levantou a cabeça e continuou a guiar a bicicleta.

No bairro mais boêmio da cidade, depois de muito pechinchar, consegui um desenho por €20. Louis quis que eu aparecesse sozinha, mas eu o puxei para perto de mim e o cartunista desenhou corações em cima de nossas cabeças enormes, nos desejando toda a felicidade do mundo.



→ Montmartre!

- Vou te fazer uma pergunta e você responde se quiser - eu comecei a andar de frente para ele, com um pacote de *macarrons* na mão - por que você deixou o bilhete para mim com o garçom naquele dia?

- Porque eu queria te ver de novo - ele foi direto e me surpreendeu.

- Como amigos? - insisti. Com certeza eu poderia ouvir o que eu não gostaria, mas eu não me contive.

- Não sei muito bem, aquele dia foi estranho - ele deu de ombros.

- Humm - concordei, ainda andando de frente para ele.

Aí estava a prova, não pude deixar de sorrir para mim mesma, ele ficou tão confuso quanto eu.

Passamos por um artista de rua e eu me aproximei dele, perguntando se eu poderia cantar. O rapaz abriu um enorme sorriso.

- Fica a vontade, o que você quer cantar? - perguntou.

Sussurrei em seu ouvido e ele confirmou que sabia os acordes para a música que eu queria.

Comecei com a voz tímida e Louis arregalou os olhos para a letra: "You Only Live Once" dos Strokes. A mesma música que eu vi no iPod dele há seis anos. Ele tinha a versão original, tinha uma acústica e tantas outras. Deveria ser a sua favorita. Eu não gostava dos Strokes, mas quando ele foi embora sem deixar rastros, passei a ouvir só para me lembrar dos nossos momentos naquele Café. Ouvi, decorei, cantei e cantei, sempre pensando no francês que tanto me cativou.

Agora eu cantava olhando para ele, deixando claro que eu estava cantando para uma única pessoa e não para o pequeno grupo que agora se amontoava a nossa volta. O Gael sempre dizia que a minha voz era doce e soava natural, que eu não precisava forçar nada, que eu simplesmente deixava a música entrar e dominar os meus sentidos.

Louis parecia sentir o mesmo, ele não tirava os olhos de mim; e eu baixava os meus, completamente envergonhada, me sentindo nua diante de uma multidão. Nós trocávamos sorrisos nos acordes que não precisavam de voz.

Eu me senti uma estrela, cantando uma versão acústica para os meus fãs. Tudo bem, talvez eu viajasse um pouco na maionese, mas você pensaria o mesmo se alguém estivesse te olhando daquela maneira e quando terminei a música, todo mundo começou a bater palma.

O rapaz que tocou me agradeceu pelos euros que ele tinha conseguido e elogiou a minha voz. Sai do centro da animação e Louis me recebeu sorrindo.

- Uau! - foi o que ele conseguiu dizer.

Eu gargalhei, sem jeito. Meu primeiro e único fã amou o meu showzinho.

- Uau! - repetiu - Eu estou sem palavras, Noémie. Além de você ter cantado uma das minhas músicas favoritas, a sua voz é linda demais. Todo mundo não parava de repetir isso.

- Obrigada - eu continuava envergonhada, mas amando cada um dos elogios dele.

Eu não era mesmo uma garota envergonhada, mas com ele era bem mais complicado. Não era um simples elogio, era um toque de amor no fundo do meu coração.

- Sério, você canta bem demais! Eu achei que você não gostava dos Strokes - ele riu, me oferecendo o braço.

- Eles me faziam pensar em alguém especial, acabei absorvendo a música por osmose - eu ri, colocando o meu braço por dentro do dele. É claro que ele entendeu exatamente o que eu disse.

Louis tirou o celular do bolso, deslizou os dedos por alguns segundos e passou para mim.

Eu abri um largo sorriso quando vi a lista de músicas que ele me mostrava: "Músicas da Noémie". Tinha Rihanna, Fergie e até Demi Lovato.

- Eu também passei a ouvir algumas coisas para me lembrar de alguém - Louis confessou.

A minha vontade era puxá-lo pelo paletó e mandar ver num beijo, mas é claro que eu era uma covarde. Apenas devolvi o celular, completamente cheia de felicidade. Seria possível passar de

traída/depressiva/destruidora de cadeados para uma apaixonada/boba/perdida em sonhos românticos?

Eu começava a achar que sim.

- Para onde vamos agora? - perguntei.

- Passear na Ilha Saint Louis e tomar sorvete.

- Podemos ir andando?

- Sim, mas por quê? Não tá gostando da minha carona? - ele fez piada.

- Não, é que eu achei que a gente poderia conversar.

Louis assentiu e seguimos em direção a Ilha.

- Então, você gosta do que faz? - me perguntou, empurrando a bicicleta para que ela acompanhasse os nossos passos.

- Sim, eu gosto bastante - fui sincera. Eu realmente amava o meu trabalho. A tradução permitia que a barreira dos idiomas deixasse de existir. Qualquer um poderia ler qualquer coisa, compreender qualquer texto e viajar em qualquer história. Eu me divertia buscando termos e variações em diferentes línguas, eu me atrapalhava tentando não ser literal em expressões idiomáticas ou gírias, eu me apaixonava reescrevendo uma história.

Expliquei tudo isso para Louis e ele me olhava fascinado.



- Você fala quantas línguas?

Contei nos dedos (sou formada em letras e não em matemática) e respondi:

- Francês, Inglês, Espanhol, Italiano e Alemão - eu disse orgulhosa.

- Você não para de surpreender - ele disse abismado.

Ok. Ele achou que eu era burra?

Louis notou a minha expressão franzida e se corrigiu:

- Eu quis dizer que não tivemos tempo de conversar sobre essas coisas naquele dia. São boas surpresas.

Eu quis dizer isso - se atrapalhou e eu achei bem fofa a reação dele.

- Qual foi a coisa mais louca que você já traduziu? - perguntou quando percebeu a minha expressão se suavizando.

- Eu não diria que é louca, mas é algo que mexeu comigo, - eu comecei - ultimamente eu tenho trabalhado com livros infantis e eu reparei que aqui na França as histórias terminam com "eles se casaram e tiveram muitos filhos" e na maioria dos outros países o final é mais simples, tipo, "E viveram felizes para sempre".

Louis soltou uma risada espontânea.

- Nós franceses gostamos de dramatizar tudo, não é?

- Eu só acho que o final que o resto do mundo conta é mais amplo, é possível viver feliz para sempre sem ter uma família - argumentei e Louis me encarou.

- Você não quer ter filhos?

- Não é questão de querer, - me expliquei - eu tenho medo de não ser tão boa mãe quanto a minha foi.

- Foi?

Ela nos deixou, a mim e ao meu pai, logo depois do meu aniversário de 16 anos. Foi atropelada por um motorista bêbado na nossa primeira visita a Universidade de Berkeley. Eu lembro que ela estava tão animada com a possibilidade daquele lugar ser a minha casa nos próximos anos. A minha mãe sempre torceu por mim e sempre foi a minha melhor amiga, eu optei por Berkeley simplesmente por conta da felicidade que aquela universidade proporcionou a ela.

- Sim, ela morreu quando eu tinha 16 anos - eu disse, finalmente.

- Eu sinto muito - ele passou a mão pelo ombro e me puxou para mais perto.

Eu, novamente, tremi um pouquinho com aquele contato. Com certeza eu parecia uma boba, mas eu não podia evitar; era como se um interruptor "acorda menina, tem um francês lindo te tocando" ligava automaticamente quando ele chegava perto. Era constrangedor e excitante.

- Tudo bem - respondi, me recompondo.

- Você fez essa lista com ela - não era uma pergunta.

- Eu te contei isso da outra vez? - perguntei confusa, com certeza eu não me lembrava de ter compartilhado algo tão profundo assim.

- Não, - negou, voltando a me encarar - estava escrito no seu rosto quando falou da sua mãe - disse de um jeito displicente. Como se ele não tivesse acabado de me ler por completo apenas com uma expressão do meu rosto.

- Mas eu só disse uma frase!

- A gente não conversa apenas com palavras, Noémie. Você ainda não percebeu isso? - falou ele, olhando para frente. Meio que me dando um espaço para eu me recuperar da lembrança da minha mãe e das palavras que ele tinha acabado de proferir.

Foi aí que eu contei tudo para ele. Toda a história com a minha mãe e com a lista, tudo o que eu sentia e porque eu quis tanto que a minha primeira vez em Paris fosse romântica e perfeita. Compartilhei que os meus pais se conheceram ali, que eles comeram na padaria Moulin de la Vierge, que todos os itens da

lista foram feitos pelos meus pais há mais de 30 anos e que eu, o fruto daquele amor tão lindo, queria repetir tudo. Mesmo que agora eu estivesse sozinha.

Louis ouvia com atenção e, vez ou outra, voltada a se aproximar de mim, meio que tentando me confortar com as mãos e com seu toque. O mais engraçado de tudo é que eu não pensava mais no Gael e nem na sacanagem que ele fez comigo. Para mim, ele nem mesmo existia mais.

Não cheguei a chorar, mas precisei limpar uma pequena lágrima que insistiu em descer.

- Você e o seu pai são próximos?

- Hoje em dia não mais. Ele se casou novamente e mal nos falamos - respondi com a voz embargada.

O meu pai e eu ficamos mais próximos ainda quando a minha mãe morreu, mas dois anos depois ele conheceu sua atual mulher e se afastou completamente de mim. Não sei por que e nem nunca perguntei, não sou de impor minha presença.

- Você ainda gosta da Meg Cabot? - Louis sorriu, querendo me animar e mudar o teor da conversa.

- Ei, o que você acha? Eu já tenho 27 anos, né? - menti.

É claro que eu gostava de Meg Cabot. Na verdade, o novo livro dela estava no meu quarto de hotel. Ainda sofro com o fim da série "O diário da princesa".

- Eu acho que você ainda gosta - ele não se convenceu.

- E você está certo! - abri o jogo e continuei - E eu ainda escuto Taylor Swift e Demi Lovato. Pode me julgar!

- Eu não te julguei antes e não vou te julgar agora. Além disso, eu fico feliz de saber que você não mudou tanto assim.

Sorri grata para ele e fiz a pergunta que me consumia.

- Você não vai compartilhar nada comigo?

Louis parou de andar e baixou a cabeça, como se estivesse decidindo o que responder. Voltando a andar, ele disse:

- Continuo trabalhando como designer, e eu não tinha tantos sonhos quando nos conhecemos e ainda não os tenho - sua voz soou distante e fria.

É claro que ele estava escondendo alguma coisa.

- Então nada mudou? Nada a não ser o fato de que você agora está solteiro? - o pressionei. Eu queria muito saber o que a cretina da Blanche tinha feito para ele. Como pode alguém ter coragem de magoar o Louis?

Se eu a encontrasse na rua, talvez eu até batesse nela. Apreendi muitas coisas assistindo intermináveis horas de "Casamento Cigano" no Discovery. Deus, aquelas mulheres sabem mesmo como dar uma surra em alguém!

- Basicamente é isso mesmo - ele me ignorou.

Suspirei completamente frustrada.

O fato dele não querer ou não conseguir falar na ex-noiva não poderia ser mais claro: ele ainda a amava. O que eu estava fazendo ali?

Olhei para ele e Louis me encarou.

Droga, por que os olhos dele eram tão lindos? Por que eu simplesmente não dava meia volta? Por que eu ficava fantasiando com o ele e imaginando nós dois juntos em uma varanda com vista para a Torre? Ou ainda, eu usando aquele vestido vermelho, pronta para jantar com um príncipe, mas correndo para a estação de trem para ver o meu grande amor.

Eu tive que rir dessa minha última obsessão. Perguntei-me o que era pior: associar minha vida com a série Gossip Girl ou fantasiar com um cara que, claramente, amava outra mulher.

Foco, Noémie! Foco!

- O Berthillon fica logo ali - Louis apontou

- É o lugar onde vamos tomar sorvete? - me rendi. Eu não conseguiria mesmo ir embora.

Ele assentiu.

Já na sorveteria, ele insistiu em pagar pelas casquinhas e pelo meu delicioso sorvete de pistache, mas eu neguei e me adiantei até o caixa. Eu paguei o meu e ele pagou o dele, pois eu não queria um sorvete e sim a sua completa atenção. Se eu não podia ter a segunda, também não queria a primeira!

Voltamos para a rua fria e eu suspirei.

Apesar do meu problema em estar acompanhada por alguém que não nutria qualquer sentimento por mim (pelo menos não o sentimento que eu gostaria) eu fiquei feliz de estar em Paris.

Quando a empresa me comunicou sobre a viagem eu cheguei a ficar desanimada, já que a minha primeira experiência tinha sido um fracasso total. Mas agora tudo era diferente. Eu não sairia dali amando e nem me sentindo amada, mas pelo menos cumpriria a lista da minha mãe.

Paris, eu vou te amar para sempre!

- Olha ali - apontei para uma das sombras de casais e me aproximei para ler a inscrição - *En un monde parfait, les ombres d'amour sont heureux* (Em um mundo perfeito, as sombras de amor são felizes) - eu li baixinho e me virei para ele - Você já viu essa inscrição?

Louis fez que sim com a cabeça.

- É linda! - exclamei comovida. O artista com certeza viveu ou vivia um grande amor. Eu te disse!

- Pronto para a próxima da lista? - ele me puxou para longe.

- Qual é o problema?

- Nenhum, mas você só tem um dia e acho que você deve focar na sua lista.

- Hum - resmunguei de volta.

- Vamos de bicicleta agora, tá? O 7ème fica do outro lado da cidade - ele me informou.

- Sabe o que é mais estranho? - perguntei.

- O que?

- Você de roupa social andando de bicicleta - debochei.

- Todo mundo sempre diz que Paris de bicicleta é um mundo a parte e agora eu descobri que é a mais pura verdade.

- É mesmo?

- Sim - ele respondeu e acrescentou, timidamente - ainda mais quando tem alguém especial junto.

"Ainda mais quando tem alguém especial junto". "Ainda mais quando tem alguém especial junto". "Ainda mais quando tem alguém especial junto".

Eu tinha ouvido aquilo mesmo ou foi uma invenção da minha cabeça romanticamente perturbada?

"Ainda mais quando tem alguém especial junto".

Sim, ele tinha mesmo falado aquilo.

Por Deus, Louis, qual é a sua?

Segurei o impulso de parar aquela bicicleta e gritar com ele algo do tipo "EI CARA, VOCÊ PODE, POR FAVOR, PARAR DE ME PAQUERAR QUANDO AINDA ESTÁ APAIXONADO POR OUTRA?" Mas como eu disse antes, sou covarde. Fui caladinha até a padaria.

Assim que entramos na rua St. Dominique, meu coração começou a bater mais forte, pois lá no fundo eu já podia ver a gigante de Paris, o símbolo da França, a linda e imponente Torre Eiffel. Louis parou a bicicleta em frente a Moulin de la Vierge e observamos a vitrine, eu dei um gritinho quando vi que eles ainda tinham um mil folhas de morango.



Foto: Divulgação

Entramos e eu logo abri um sorriso enorme para a atendente.

- Um mil folhas de morango, por favor. - pedi.

- Ah, sinto muito, todos já acabaram - me informou ela.

- Ah, tem um na vitrine, você pode pegá-lo para mim? - insisti. Eu comeria um mil folhas nem que eu tivesse que pegar e sair correndo.

- Aquele está reservado, sinto muito - ela rebateu e apontou para os outros doces - mas temos outras opções.

Nem me dei o trabalho de responder e saí para rua, soltando fumaça.

Louis, que observava de longe, abriu a boca pela primeira vez.

- Tenho uma ideia, venha - pegou na minha mão e me puxou para dentro.

- Desculpe, mas você tem certeza que não tem como comprarmos o mil folhas de morango? - ele foi todo simpático com a atendente.

- Já está reservado - ela repetiu, mas estava bem mais receptiva do que quando eu perguntei.

O que um par de olhos verdes é capaz de fazer, né?

- Não existe mesmo uma possibilidade? Nós estamos em lua de mel e os pais dela comeram aqui há anos, a gente só queria repetir a tradição.

- Voltem amanhã - ela não pareceu comovida.

- É o nosso último dia em Paris - ele disse e eu quase pude ver um biquinho de tristeza se formando nos lábios dele.

Deus, ele era mesmo muito bom!

A mulher atrás do balcão fez sinal para esperarmos e cochichou com uma senhora, que sorriu para nós dois.

- Em que ano seus pais estiveram aqui, querida? - ela me perguntou.

- Em 1981 - respondi de imediato.

- Ah - ela suspirou saudosa - provavelmente foi o meu pai quem os atendeu. E eles gostaram do doce, não é?

- Sim, muito! Por isso eu queria tanto repetir a tradição - expliquei, entrando na mentira de Louis.

A senhora foi até a vitrine e nos trouxe o último mil folhas de morango, me entregou com um sorriso no rosto e perguntou:

- Mais alguma coisa?

- Sim, um café, um suco de laranja e dois croissants - Louis se adiantou.

A senhora assentiu e nos apontou para as mesinhas redondas no fundo da loja.

- Não acredito! - exclamei enquanto me sentava.

Louis sorriu.

- De nada, *ma chérie*! - ele fez piada.

Quando ouvi as últimas palavras dele, suspirei involuntariamente. Mesmo canadense e convivendo com o francês desde sempre, o sotaque o lirismo do francês de Paris me deixavam abismada em como uma língua conseguia ser tão poética e tão romântica. A forte pronúncia do "r" de Louis me deixava completamente envolvida.

- Ah - eu sussurrei para ele - devemos ter nomes falsos!

- E por que? - Louis riu.

- Porque é divertido, Armand - falei.

- Armand? Você não tinha um nome mais bonito?

- Jordan? - propus.

- Fico com Armand, obrigado!

- Certo, - concordei impaciente - meu nome é Amanda.
- Armand e Amanda? - Louis debochou - você é péssima de inventar nomes.
- Cala boca - falei, pois a atendente se aproximava da mesa.
- Tem certeza que são casados? - ela perguntou, colocando na mesa o nosso pedido.
- Mas é claro! - falei nervosa.

Nossa... Eu era realmente péssima em entrar em joguinhos de mentira.

- E porque vocês não estão usando uma aliança?

Fiquei calada e Louis respondeu por mim.

- Ela é Canadense. É um costume de lá, não é, *ma chérie*?

- Sim, Louis - concordei e ele arregalou os olhos.

A garota não se convenceu e continuou a nos encarar.

- Ficou faltando alguma coisa? - Louis se dirigiu a ela, que não respondeu e virou as costas.

- O que houve com o Armand? - me indagou rindo e mordendo seu croissant.

- Cala boca! - censurei - Agora eu preciso provar o melhor doce do mundo.

E eu provei. E eu me apaixonei.

A massa folheada derretia na minha boca junto com os pedaços de morango e com o creme perfeitamente doce e uniforme. Era uma explosão de sabor sem igual. Não duvidei o porquê da minha mãe ter aceitado o pedido de casamento, eu também ficaria a mercê de qualquer um depois de provar aquela maravilha.

- Não vai me dar um pedacinho? - Louis se fingiu de triste.

Peguei outro garfo e tirei um pedacinho mesmo. Bem pequeno. Muito pequeno.

- Uau, você leva as coisas literalmente mesmo - ele disse, colocando na boca o *pedacinho* que eu havia separado.

- Muito bom, né? - perguntei feliz.

- Já comi melhores - ele deu de ombros.

Eu semicerrei os olhos para ele.

- Desculpa aí, Buddy Valastro, eu não sabia que você era confeitoiro - eu rosnei para ele. Era um absurdo dizer que o doce não estava bom.

- Esse está bom, mas eu já provei sim um melhor - continuou ele.

- Quem bom que eu não desperdicei um pedaço maior com você!

Eu não quis olhar, é claro, e me fiz de irritadinha pelo máximo de tempo que consegui, mas o olhar de Louis em cima de mim me deixava bem desconcertada.

Paguei pelo mil folhas e ele foi mais rápido, dizendo que o suco que o croissant tinham sido ideias dele. Não reclamei e nem fiz cara feia.

- Apesar da sua chatisse, obrigada por ter conseguido o doce para mim - falei assim que pisamos na rua.

- De nada, Noémie. Vamos andando até a torre?

Assenti e começamos a caminhar.

- Já tem um tempo que eu não venho por esses lados - ele disse em voz baixa.

- Se eu morasse em Paris, assumiria o compromisso de namorar a Torre, pelo menos, uma vez por semana - falei.

Ele não comentou e eu continuei.

- Quem mora em Paris não deve dar valor mesmo ao que se tem aqui.

- Pelo contrário, - ele se defendeu, mas não continuou a falar.

Praticamente trocamos comentários sem sentido e assim que nós chegamos aos pés da torre abri os braços e Louis pegou o meu celular para registrar o momento. A foto ficou linda e eu o arrastei para tirar uma comigo, uma *selfie* com o meu guia favorito!

O problema começou quando chegamos no Champs de Mars. Eu me perguntei onde estávamos com a cabeça, eu e a minha mãe, quero dizer. O lugar era lotado e seria totalmente constrangedor começar a dançar ali, pelo menos na minha atual idade. Esse foi o meu primeiro pensamento.

Pisei na grama e mexi o corpo por um milésimo de segundo, depois voltei, morrendo de vergonha, para perto de Louis.

- Ei, isso não valeu. Você está com vergonha? - ele franziu o cenho.

- É meio ridículo você não acha?

- Eu não! - ele foi taxativo - Você estava se infiltrando nas fotos das pessoas há pouco mais de uma hora. Aquilo sim é constrangedor - ele riu.

- Vamos, já valeu a dançinha - o chamei.

- Noémie, não é legal você deixar de fazer as coisas com medo do que os outros irão pensar - Louis disse, me acompanhando para longe do gramado - e você nem ficou descalça! Tem certeza que é por causa da sua idade?

A Noémie de 11 anos, quando escrevi aquela lista, provavelmente concordaria com ele. Mas tanta coisa já tinha acontecido, tantas decepções que foram moldando a minha maneira de ver o mundo, tantas decepções com os homens, com o meu pai... Não tinha mesmo nada a ver com a minha idade, eu descobri, eu apenas não estava mais sentindo que aquele passeio fazia sentido para mim. Eu e mamãe imaginamos que seria com alguém que se importasse comigo, com alguém que gostaria de estar ali para vivenciar tudo aquilo comigo. Infelizmente, eu começa a achar que Louis estava me fazendo um favor.

Ignorei as perguntas de Louis. E ele não insistiu, com certeza teve medo de que aquela abertura seria o momento perfeito para eu começar a questioná-lo de novo.

O celular dele tocou e Louis fez sinal de que iria atender. Se afastou de mim e eu só pude ouvir ele falando "*Bonjour, ma petite*[\[1\]](#)".

- Tenho uma sugestão para o último item da lista - ele disse, assim que desligou - tomar vinho no Sena é coisa de turista. Os parisienses brindam no Canal de Saint Martin. Você topa?

Tirei o caderno da bolsa e contemplei o número 9: dividir um vinho com um grande amor.

Louis ainda estava de coração partido com a ex-noiva e ainda tinha essa talzinha que era "sua pequena"... Era isso, eu decidi, secretamente, deixar a número 9 para cumprir com alguém que se importasse, se eu um dia ele chegasse.

- Sim, pode ser - concordei.

Subimos na bicicleta e Louis fez questão de parar em sua loja de vinhos favorita. Pediu uma garrafa cheio de pompa, como se entendesse tudo da bebida. E eu só olhando para ele.

Chegamos no canal de Saint Martin e, para minha infelicidade, o sol estava se despedindo, dando sinal que o meu dia com ele estava chegando ao fim. Um misto de alívio e tristeza começou a tomar conta de mim novamente, era a mesma sensação que eu tive quando percebi que ele tinha ido embora do Café no dia em que nos conhecemos. Alívio porque eu teria mais tempo para não pensar mais nele e tristeza porque eu não queria ter que esquecê-lo.

- Por que vocês franceses são tão esnobes quando o assunto é vinho? - perguntei, me acomodando em uma manta que ele também havia comprado na loja de vinhos (gente, os comerciantes não perdem mesmo a chance de fazer uma graninha, né?).

- O que isso quer dizer?

- Quer dizer que vocês não pedem "um vinho tinto", vocês pedem "um Bordeaux".

- Vinho é coisa séria, Noémie, um "vinho tinto" é muito genérico.

- E é qual a diferença?

- A diferença, - ele começou a me explicar, enchendo a taça até a metade e passando-a para mim - é o prato que vinho vai acompanhar ou, no nosso caso, a companhia que vai dividi-lo comigo.

Eu queria mesmo aproveitar o pôr do sol e curtir o meu guia particular sem me importar com todos os

conflitos na minha cabeça, mas meu tempo estava acabando. Encarei o Canal de Saint Martin e tomei uma decisão: dessa vez, eu não iria embora sem uma explicação concreta. Sem uma definição do papel dele na minha vida. Dessa vez, seria um novo começo ou um adeus para sempre.

Uma amizade eu não queria. Meu desejo era uma chance para me apaixonar.

Apaixonar-me por ele.

- Louis, - comecei e ele ficou rígido, sabendo o que viria a seguir - o que aconteceu com você?

Ele suspirou e baixou os olhos.

- Todos temos problemas, Noémie. Seis anos se passaram e muita coisa aconteceu. Por que não podemos aproveitar o vinho e o seu dia em Paris?

- Porque eu não quero que seja *só um dia* em Paris com você, Louis. Você ainda não percebeu isso? - fui sincera. Abrindo o meu coração para ele. Correndo o risco de ser machucada novamente.

- Eu, eu - ele gaguejou - você jamais vai entender - foi só o que ele conseguiu dizer.

Tirei a manta de cima das minhas pernas e me coloquei de pé.

- O que você está fazendo? - ele me perguntou, ainda sentado e olhando para cima.

- Eu vou para o meu hotel - sorri para ele.

O meu francês precisava de tempo e eu daria esse tempo a ele. Quero dizer, eu esperaria até o momento em que eu não esperaria mais. Meio confuso, né? Mas o que eu quero dizer, é que eu não esperaria por ele para sempre.

Para sempre é tempo demais quando se fala de um amor não correspondido.

- Louis, eu não tô te pressionando ou te ameaçando, mas eu não tenho intenção alguma de ser sua amiga. A gente se enganou naquele dia, há seis anos, mas agora não tenho nenhum motivo para enganar o que eu sinto. Eu quero te conhecer melhor, eu quero andar com você por aí, eu quero ver os filmes estranhos que você assiste e até mesmo ir ao show dos Strokes com você. Você precisa resolver a sua vida, eu sei, e você precisa decidir quando e como estará pronto para dividir uma história com alguém. Não prometo que eu vou te esperar para sempre, mas me liga ou me manda um e-mail. Quem sabe o que pode acontecer? Pelo visto, com a gente, o destino faz questão de preparar surpresas.

Ele voltou a baixar a cabeça e começou a chorar.

E eu digo chorar mesmo. Chorar de soluçar.

Eu imediatamente me ajoelhei ao seu lado e o abracei pelo ombro, tentando confortar e entender as palavras inaudíveis que ele murmurava.

- Um dia... Um dia ela simplesmente não acordou - ele esfregou os olhos - eu fiquei olhando para ela por horas e horas, sem saber o que fazer ou o que pensar ou a quem chamar. Eu fiquei olhando para ela como eu fazia todas as manhãs e ela não acordou - Louis soluçou um pouco mais. Os ombros caídos, a postura embargada de tristeza, ele estava tão pequeno e eu só queria protegê-lo.

Ele repetia o tempo todo que "ela não acordou mais" e eu levei alguns minutos para captar a essência das palavras dele.

Blanche não o abandonou para ficar com outro ou para começar uma vida nova.

- Louis, a Blanche... Ela... - não consegui completar, pois ele soluçou ainda mais e apenas concordou com a cabeça.

De repente ele parou de se mexer e pegou a minha mão. Eu tentei sorrir para ele, mas eu só tinha vontade de chorar. E eu tentei ser forte por ele, mas vê-lo daquela maneira mexeu comigo de um jeito completamente novo. Algumas horas há seis anos e um dia inteiro hoje, tempo suficiente para a tristeza de Louis me dominar por completo.

- E eu me sinto culpado, por que... - a voz ia morrendo e depois aumentava - eu me sinto culpado porque eu pensava em você, talvez ela tenha... Talvez ela tenha partido porque eu não era mais dela por completo.

Eu fiquei sem palavras. Agora eu entendia a rejeição dele no começo, agora eu entendia os flertes e as

palavras e os olhares, a luta que ele travava consigo mesmo era muito maior do que eu jamais poderia imaginar.

Ele tirou a carteira do bolso e tirou um papel dobrado de dentro dela, me entregando.

Com cuidado, eu o abri e li:

Meu querido Louis,

Nem eu mesma consigo explicar o que acontece no meu coração. Tudo é o meu coração. Meus desejos estão no coração, meus medos também e você, é claro. Você sempre esteve aqui.

Mas sinto que ele está falhando comigo, ele não está mais me fortalecendo como antes. Meu amor não parece mais ser forte o bastante, e era ele que suportava todo o peso das minhas angústias e dos meus problemas.

E eu não preciso me explicar, porque você também se sente assim. Com esse vazio no peito e com o coração sangrando de tristeza. Perder a nossa pequena Esther me destruiu. Tudo o que sempre sonhamos nos foi dado e depois tomado, tudo o que eu mais amei foi tirado de mim. Um pedaço seu foi tirado de mim, o fruto de todos esses anos que passamos juntos. Apenas sinto as sombras me cercando, sombras de amor que não me deixam ser feliz.

Tudo é o meu coração, Louis. E ela era o meu.

Sem um coração, não consigo mais ir em frente.

- Louis, eu... - minha voz morreu.

- Hoje faz cinco anos que ela se foi - me explicou entre soluços - todos os anos eu pego essa carta e a leio milhares de vezes na ponte, eu... - ele parecia lúcido e depois voltou a murmurar - Eu fiquei olhando e ela não acordou - repetiu, soltando a minha mão e secando os olhos. Eu sequei os meus também, as lágrimas desceram sem aviso e eu nada pude fazer para evitá-las. As palavras de Blanche me emocionaram profundamente.

Eu entendi que ela tinha tirado a própria vida por não ter conseguido superar a morte da filha deles.

Eu comecei a pedir a Deus para proteger o coração do meu Louis. Para Ele dar forças ao meu Chuck Cohen Archibald. Eu nem poderia imaginar a dor de perder um filho e depois um amor.

O que era uma traição comparada a isso? O que era uma escolha errada comparada à morte? O que era o meu coração partido comparado com o dele?

A resposta era simples: nada. Não dava para comparar.

Há seis anos, Louis me disse que eu não deveria diminuir os meus problemas só porque outras pessoas têm problemas muito mais complicados, mas só quando entendemos e nos colocamos no lugar do outro é que é possível colocar o nosso sofrimento em perspectiva.

Nós ficamos abraçados por um tempo, eu fazendo carinho nos cabelos desgrehados dele e Louis soluçando sem parar. Aos poucos ele foi parando e se acalmando. Aos poucos ele foi cedendo ao amor que eu queria passar no meu abraço e no meu toque.

- Não foi bem o que você imaginou para o número 9 da lista, né? - me perguntou baixinho.

- Ei, - o confortei - o vinho e a companhia não poderiam ter sido melhores.

Ele sorriu.

Mais alguns minutos de silêncio até ele quebrá-lo de novo:

- Ela tinha problemas, - falou levantando a cabeça - eu quero dizer, ela era bipolar e quando perdemos a Esther, Blanche parou de tomar os remédios e se perdeu em seu mundo. Nos últimos dias, eu nem a reconhecia mais.

- Você não precisa me falar sobre isso, não agora pelo menos.

- Eu sei, mas eu quero.

Assenti. Ele queria desabafar.

- Naquele dia que eu te deixei no Café, Blanche me ligou desesperada por causa de um sangramento, nós não sabíamos que ela estava grávida. Ela desconfiava, mas queria ter certeza antes de me contar. Depois do sangramento, tudo piorou. A gravidez foi muito difícil, muitas dores, muito repouso e tudo muito delicado, sofremos dia e noite. Quando as meninas nasceram... - eu o interrompi.

- Meninas?

Louis saiu do meu colo e voltou a sentar-se.

- Sim, gêmeas. Como ela sempre desejou. Esther e Eloise.
- Mas... - tentei perguntar, mas ele fez sinal para eu me calar.
- As duas nasceram com apenas 6 meses de gestação e, pouco mais de 1 mês depois, Esther não resistiu. A perda de uma de nossas princesinhas foi um baque muito grande em todos nós, mas para Blanche foi uma sentença definitiva.

"Ela apagou da memória que tivemos duas meninas e passou a rejeitar a Eloise, gritando comigo, me acusando de ter conseguido outro bebê para substituir a nossa filha. O seus surtos de loucura cada vez piores, eu tentava ser forte por ela e pela Eloise, mas eu não conseguia superar a questão: como uma mãe esquece a própria filha?"

- Louis, ela era doente...

- Eu sei, mas eu não entendia e ainda hoje não entendo. Acho que nunca entenderei.

Voltei a assentir.

- Alguns meses depois ela tomou todos os seus remédios de uma vez e foi dormir. Dormiu para sempre. Agora eu tenho dezenas de caixas cheias de lembranças e lotada de coisas dela e a minha princesinha linda.

Suspirei comovida.

Eu não queria julgar a Blanche, mas eu também entendia a posição do Louis. Imagina o conflito? A mulher que você ama rejeitando o fruto da relação de vocês dois?

Esbocei um sorriso quando me veio à cabeça que o Louis era pai.

- Era com a Eloise que você falou antes de irmos para cá? No celular?

- Sim, ela queria tomar sorvete - respondeu com ternura.

Louis estava brigando consigo mesmo, eu podia sentir as perguntas martelando na cabeça dele. Quando falou, sua voz saiu firme e segura.

- Você quer conhecê-la? A minha filha.

Olhei para ele espantada.

- Tem certeza?

- Ela vai gostar de você, tenho certeza.

Será que eu queria conhecer a filha? Será que não era cedo demais? Como ele me apresentaria? Eu não estava pronta para ser mãe! AI MEU DEUS!

- E você vai dizer o que para ela? - perguntei cautelosa.

- Eu vou dizer: Eloise, essa é a minha amiga Noémie. O que mais eu poderia dizer?

Justo. Só eu que pensei que ele diria "Eloise, essa a sua nova mamãe".

Louis ligou para casa e pediu que a babá a levasse para o Champs de Mars.

- Você mora perto dali?

Ele fez que não com a cabeça.

- Os pais da Blanche moram, às vezes ela passa as tardes na casa dos avós - ele complementou a negativa.

Parei ao lado da bicicleta e olhei para o adesivo. Eu havia guardado a carta de Blanche na minha bolsa, com medo que voasse para o canal ou que Louis a arruinasse com suas lágrimas.

Tirei-a da bolsa e reli as últimas linhas.

- "Apenas sinto as sombras me cercando, sombras de amor que não me deixam ser feliz" - repeti.

Louis deu de ombros, confirmando o que eu tinha acabado descobrir.

- "Em um mundo perfeito, as sombras de amor são felizes" - falei baixinho - quando você começou a fazer isso?

Ele não iria negar, é claro.

- Alguns meses depois que ela se foi - confessou.

Me encaixei por entre seus braços, que seguravam o guidão da bicicleta, e Louis disse:

- Então, acho que você já pode fazer todas as perguntas que quiser.

Eu ri.

- Com certeza farei, mas depois. Agora eu quero aproveitar a minha última vez na sua bicicleta - respondi.

O pôr do sol deixou a luz ainda mais forte e ambos colocamos óculos escuros. Nem preciso dizer, né? Ele ficou lindo.

Louis parecia mais leve e eu até diria mais feliz, mais solto. Como se tivesse liberado um peso enorme. Ele ameaçava tirar as mãos do guidão e eu, desesperada, segurava a bicicleta para ela não perder o equilíbrio.

Em alguns momentos eu me deparei novamente com os adesivos e comecei a imaginar um de nós dois. Uma cena imortalizada: um dia de verão, eu de vestido curto e ele com uma roupa mais esportiva, a gente dançando no meio da rua e os motoristas reclamando e apontando o cigarro na nossa cara... Ah, tão romântico!

Por onde passávamos ele apontava e gritava para mim "Museu Grévin", "Boulevard Haussmann, olha a Galeria Lafayette", "Praça Louis XVI, Noémie", "Praça da Concórdia", "Agora estamos cruzando a Champs-Élysées", "Petit Palais", "Palais de Tokyo", "Trocadero, uma das vistas mais lindas da Torre" e, finalmente, "Champs de Mars, chegamos".

Doeu-me um pouco essa constatação, mas era até poético que o meu último passeio foi o melhor de todos.

Louis trancou a bicicleta e eu o segui, ele sabia exatamente onde deveria ir.

Assim que entramos no campo de visão dos que estavam no gramado, uma menina veio correndo para abraçar Louis. Os cabelos loiros voando e um sorriso lindo no rosto.

Eu não lembrava muito bem de Blanche, mas pelo pouco que consigo tirar da memória, a Eloise se parecia muito com ela: pele branca, cabelos claros e o rosto fino. Quando chegou perto o suficiente, eu vi o que ela havia herdado de Louis: os olhos verdes. A melhor parte que ele poderia ter passado para ela.

Louis se abaixou para receber o abraço apertado da filha que já chegou toda autoritária:

- *Papa*, nós vamos tomar sorvete agora? - perguntou, o sotaque carregado já presente em sua voz fina.

- Ei, calma aí *ma petite*, onde estão os seus modos? - ele se levantou e apontou para mim - essa é a minha amiga, Noémie.

- *Bonjour, mademoiselle*. Eu sou a Eloise, você vai tomar sorvete com a gente? - ela se virou para mim, esticando a mão e pomposa igual ao pai.

Gente, que menina mais LINDA!

- *Bonjour*, acho que não, daqui a pouco eu preciso ir embora - apertei a mãozinha dela.

- Onde você mora? - ela franziu o cenho, igualzinha ao pai.

- No Canadá.

- Ah, é por isso que você fala de um jeito estranho - ponderou.

Louis e eu rimos.

- No Canadá tem gente que fala inglês, sabia, Eloise? - Louis a informou e a menina arregalou os olhos.

- Sim, tem uma parte do país que fala inglês e outra parte que fala francês - complementei a informação dele.

- E você fala inglês? - ela me perguntou em um inglês cheio de sotaque, mas perfeitamente correto.

- Sim! - respondi animada - você fala também?

- Eu estou aprendendo no colégio, mas Diane é a melhor de todos da sala, porque ela morou na Inglaterra.

- Eu posso te ajudar a praticar, se você quiser - ofereci sem pensar.

- Sério? - Eloise se surpreendeu e me abraçou.

Fiquei chocada com o carinho dela e demorei alguns segundos para retribuir o abraço. Louis mudou a

expressão do rosto, enquanto Eloise corria para contar a babá que aprenderia inglês comigo.

- Sabe, você está indo embora. Não foi muito legal prometer o que você não pode cumprir - comentou ele.

- Ai meu Deus! É verdade! Desculpe, Louis - eu realmente sentia muito.

- Não peça desculpas a mim, depois você se explica com ela - ele disse e eu senti um sorrisinho por trás.

- O que é isso? - ele perguntou, apontando para uma boneca enorme.

- *Papa*, - Eloise se virou para ele - é um presente da vovó.

- Mas você já ganhou um presente esse mês, Eloise - ele disse, tentando ser severo.

Só tentando mesmo. Eu podia jurar que a pequena o dominava completamente.

- Mas, *papa*, eu ganhei um presente seu e não dela!

Eu ri baixinho, para ele não perceber.

Tarde demais, Louis estava me olhando com sua expressão séria.

- Você vai devolvê-la, amor, a sua avó sabe que não deve ficar te dando presentes.

Eloise resmungou contrariada.

- Eu ouvi isso, hein? - ele ralhou com ela

- Tá bom, *papa*, eu vou pedir para ela guardar atéeeee o mês que vem, aí eu vou poder ganhar a boneca, né? - ela concordou, estendendo o "até" para indicar que iria demorar muito tempo.

- Vou pensar no seu caso.

- Se vai pensar é porque vai deixar - ela gritou e saiu correndo.

Louis fingiu que iria atrás dela e Eloise gritou ainda mais, depois ela se juntou as crianças que brincavam por ali.

- Os pais da Blanche e eu não nos damos muito bem, eles acham que eu não sei cuidar da minha filha - Louis me explicou.

- Então eles têm sérios problemas! - fui direta.

Para mim, estava claro que ele era um ótimo pai.

De repente, Louis fez sinal para que Eloise se aproximasse e cochichou alguma coisa no ouvido dela.

A menina assentiu e veio para perto de mim.

- Você tem música aí, Noémie?

Mesmo achando estranha a pergunta, tirei meu iPod da bolsa e entreguei para ela.

Eloise pegou a minha mão me puxou para o gramado.

- Vamos dançar, Noémie? - ela me olhou rindo.

Fiz que não com a cabeça.

O safado do Louis tinha pedido para que ela me fizesse cumprir a tarefa de dançar descalça no Champs de Mars.

- Você não sabe dançar? - me perguntou e parecia triste por mim.

Eu ri e ela continuou olhando para mim, esperando uma resposta.

- Não é isso, Eloise, tem gente demais aqui - me esquivei, olhando em volta.

- Não precisa ter vergonha - ela começou a explicar - uma vez eu quis dormir com o meu cobertorzinho na casa da Marie, mas eu também tinha vergonha.

- E o que você fez? - eu perguntei e olhei de relance para Louis, que nos observava com os braços cruzados e uma expressão de riso no rosto.

- O papai me disse que não é certo deixar de fazer o que eu gosto só por vergonha dos outros.

- E o seu pai estava certo.

Ela assentiu, pegou na minha mão e passou o iPod para o pai, gesticulando para que ele apertasse o play no iPod.

"On ne vit qu'une fois" (a gente só vive uma vez) do Sidoine começou a tocar e eu tive que rir com mais

uma surpresa do acaso. "A gente só vive uma vez" com certeza se encaixava nas horas que eu tinha passado com ele. "A gente só vive uma vez" era a minha desculpa para mergulhar de cabeça em uma situação que eu nem mesmo tinha certeza se daria certo. Eu estava correndo sérios riscos de voltar a me magoar, mas ali, olhando o rostinho da Eloise e a expressão feliz no semblante de Louis, eu quis encarar qualquer consequência que viria pela frente.

- Você faz assim - Eloise começou, colocando as mãos na cintura e mexendo de um lado para o outro - vamos, tenta você, Noémie.

Tirei as botas e joguei a minha bolsa nos pés de Louis. Meio constrangida, comecei a fazer exatamente o que ela tinha me dito. Claro que uma menina de cinco anos fazendo aquela dançinha era fofo demais, mas uma mulher adulta? Nem tanto!

- E agora? - eu perguntei à Eloise.

Ela deu de ombros e disse:

- Agora você faz o que quiser - começando a pular e a fazer caras e bocas.

Eu me juntei a ela e Louis já estava gargalhando da situação.

- Ah, você acha que vai ficar de fora? - eu fui até ele, pegando em sua mão.

- É, papai, você precisa vir também. A Noémie já encarou o medo dela e você precisa encarar o seu também - Eloise gritou para o pai, entre pulos e caretas.

De fato, e assim eu imagino, ela não fazia a menor ideia do que estava falando sobre o Louis enfrentar o medo dele, mas ele sabia e eu também.

Quando aceitou a minha mão e se juntou a nós, eu voltei a ver, mesmo que por apenas alguns segundos, o brilho naqueles olhos verdes que tanto me encantou um dia, seis anos atrás. Eu colocava meus braços acima de cabeça e Eloise pulava, segurando a minha mão e a dele, seu cabelo loiro acompanhando o ritmo da música e da coreografia completamente louca que ela fazia.

- Ei, estranho - eu gritei para ele - eu já sei a décima coisa que eu preciso fazer em Paris.

- Que seria? - gritou de volta para mim e, ao nosso redor, outras pessoas se contagiavam com a música e com a alegria de Eloise.

- Número 10 - comecei - ajudar o Louis com as caixas, com as etiquetas dos casais e com o coração partido - terminei.

E foi aí que ele me olhou com aqueles olhos, aqueles de seis anos atrás, como se me dissesse que tudo iria ficar bem. E eu fiz a única coisa que poderia fazer no momento: entreguei o meu sorriso a ele.

- E tomar sorvete comigo - Eloise completou.

- E tomar sorvete com a Eloise - me corrigi e Louis ficou olhando para nós duas, imagino eu, sem saber se sorria, se chorava ou se me beijava. Olhei para ele com a indicação de que deixaríamos o beijo para outro momento, sem a Eloise por perto e só nós dois juntos, em um encontro de verdade.

Ele deve ter entendido, pois assentiu para mim e pôs-se a correr atrás da loirinha linda que gritava de felicidade.

Sabe, talvez não demore muito tempo até que eu consiga curar o coração partido dele. E o meu coração partido? Eu te respondo: se a gente só vive uma vez, para que perder tempo com bobagens e amores eternizados em cadeados? O que Louis me disse fazia todo o sentido, pois os cadeados são um símbolo de aprisionamento e agora posso afirmar que o meu coração foi libertado no momento em que esbarrei com ele ainda naquela manhã. O que mais eu posso dizer? Só um (a) caso de amor que eu jamais saberei explicar.



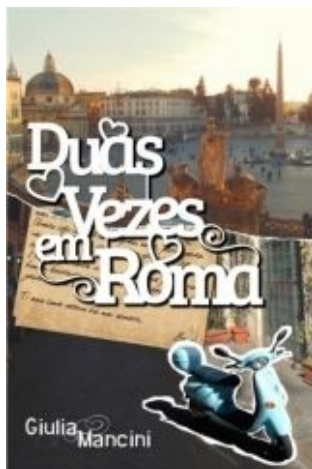
Trilha Sonora

Esse conto foi bem especial para mim, principalmente porque escrevi selecionando músicas para as cenas mais especiais. Isso quer dizer que: a cada cena e a cada música, um filminho passava na minha cabeça, imaginando os detalhes, os toques, as expressões. TODO mundo que leu e ouviu a trilha sentiu a mesma coisa! Segue o link abaixo com a trilha sonora completa do conto.



Apresentação de "Duas Vezes em Roma"

Para você que chegou aqui por acaso e ainda não conhece o meu primeiro romance "Duas Vezes em Roma", deixo com você, nas próximas páginas, o primeiro capítulo de um enredo que eu AMEI escrever e que encantou MUITA gente também! Já está a venda em diversas lojas online e também em livro físico (lançamento previsto para Novembro/Dezembro de 2014). Quer saber mais? Veja o [Book Trailer](#) e clica na imagem correspondente para acessar a página desejada.



Trabalhando meio período em um sebo e morando de favor na casa da melhor amiga, não era o que Isadora tinha em mente quando, aos 23 anos, decidiu fugir para Roma depois de seu ex-noivo decepcioná-la de uma maneira que ela nunca poderia imaginar.

Seu coração volta a bater mais forte no momento em que Luca, um italiano de olhos escuros e cabelo bagunçado, entra na loja com uma caixa cheia de cartas e Isa descobre uma paixão do passado, cujo final não está escrito em lugar algum. Juntos, eles partem em uma jornada pelas ruas de paralelepípedos da capital italiana.

No caminho? Desejos, sentimentos, problemas e inseguranças.

Será que ela vai descobrir o que procura?

Ou será que vai encontrar o que nunca imaginou que encontraria?

Duas Vezes em Roma é um romance em que o passado e o presente se entrelaçam; dois amores embalados pela poesia de cada canto da cidade eterna.

 eBook

 Livro físico

Capítulo 1



- *Autobus di merda!* - gritou Isadora quando o motorista passou direto e nem lhe deu atenção. Claro que ela não estava no ponto, porque acordou atrasada mais uma vez, mas ainda assim, fez sinal esperando um pouco de simpatia para começar o dia bem. Ela passou a mão nas têmporas e massageou-as devagar; sua cabeça doía por conta do excesso de vinho da noite anterior.

Ninguém que passava por ali virou a cabeça ou se incomodou com as palavras ofensivas. Ela estava na cidade há quase cinco meses e já sabia todos os palavrões de tanto escutá-los, afinal, os italianos usavam essas expressões o tempo todo, para qualquer situação e em qualquer ambiente. Mais do que os gestos e o sentimento na hora de falar, Isadora tinha uma certeza: os romanos amavam um palavrão.

Ela riu com o pensamento e espiou pela rua, em busca de outro ônibus. Eles sempre demoravam uma eternidade para passar e quando um se aproximava, mais três ou quatro vinham logo atrás. Era sempre assim.

- *Me ne fotto!* - disse em voz alta, se conformando com a perda da "carona". Isa achava libertador falar palavrão em voz alta e não ser recriminada. Independente de qualquer coisa, ela amava a Itália e essa liberdade meio maluca de se expressar com palavras.

Já próxima ao ponto de ônibus, ela precisou ficar um pouco afastada devido a fumaça que saía de uma chaminé ambulante vestida da cabeça aos pés de vermelho. Claro que o cheiro do cigarro também a incomodava, mas a sua real preocupação era o quanto aquele gás nocivo ficaria em seu cabelo. Isadora passou os dedos pelo cabelo castanho claro e ondulado.

Naquela manhã, ele estava preso em um rabo de cavalo no estilo "saidecasaatrasada", que parecia uma forma de fazer aquele charme bagunçado, mas a verdade é que ela não teve tempo de tomar banho.

Pela primeira vez naquele dia, ela se arrependeu de não ter acordado cedo para lavá-lo.

Isa bufou com raiva e puxou a calça jeans, que estava apertada demais, devido aos *panini* que comia diariamente, e seus 1,64m não ajudavam a distribuir o excesso dos deliciosos sanduíches. Ah, ela estava tão de ressaca, que nem mesmo conseguiu lembrar-se de pegar um casaquinho para cobrir a blusa de mangas curtas, só percebendo que estava um pouco exposta quando um grupo de cinco rapazes chamou a atenção dela na rua.

- *Ciao, bella!* - gritaram, fazendo algazarra e gestos para pedir o número de seu celular.

Não que os italianos fossem tarados ou algo parecido, eles (principalmente os mais jovens) adoravam brincar com as garotas na rua e, se dessem sorte, até poderiam conseguir o telefone de algumas delas. Geralmente, Isa não ligava para o assédio e às vezes até se divertia com ele, mas naquela manhã ela estava sem paciência, a cabeça ainda doía e os acontecimentos da noite anterior ainda a chateavam.

- *Ciao!* - ela respondeu mostrando o dedo médio para eles.

Parece que a educação ficou em casa junto com o casaquinho.

Os rapazes nem se importaram e continuaram a brincar com ela, mas depois de algum tempo, e da indiferença de Isa, eles seguiram seu caminho e ela suspirou aliviada.

Na noite anterior, sua melhor amiga havia tentado, novamente, arrumar um namorado para ela. Só que dessa vez o cara cismou que Isa iria dormir com ele naquela mesma noite e insistiu o tempo todo em convidá-la para um "vino a casa mia".

Ela não era uma virgem inocente, não mesmo. Isa só não tinha certeza se estava pronta para conhecer alguém e, muito menos, dividir uma cama; não depois de tudo o que tinha passado. Para piorar, ela bebeu a noite toda e nem se lembrava de como conseguiu voltar para casa. Tinha sido mais uma noite memorável para a sua conta. Quando aquilo iria acabar?

Revirou a bolsa, procurando algo para prender melhor os cabelos e aliviar o enorme calor que fazia, o rabo de cavalo não estava ajudando.

Parecia que os dias quentes estavam cada vez mais intensos e ela quase desejou as manhãs chuvosas do fim de fevereiro. Quando uma brisa perdida afagou seu rosto, qualquer pensamento em acabar com aquele sol não fazia o menor sentido para ela. O verão era sua estação favorita.

É, não era culpa do sol que ela estivesse chateada com outras coisas.

Ela encostou-se ao muro próximo ao ponto de ônibus e fechou os olhos, deixando os problemas inundarem mais uma vez sua cabeça há muito confusa. Isadora já tinha passado por muitas coisas no Brasil e sua experiência na Itália não estava sendo nada do que ela esperava. Ela tinha 23 anos, três meses e 14 dias quando decidiu largar o emprego, pegar todas as suas economias e partir para um lugar desconhecido, achando que estava embarcando na maior aventura de sua vida, mas foi tudo o contrário do que ela esperava. Isa ficou tão animada com o desconhecido que gastou quase toda a sua grana com festas e viagens, e acabou reprovada no curso de história da arte por faltas; tudo isso no primeiro mês. Graças a sua cidadania italiana, conseguiu um trabalho de meio expediente em um sebo e passava o resto do tempo procurando inspiração nos museus e nas ruas de Roma. Esperando que, de alguma forma, o propósito de estar ali apareceria de uma maneira misteriosa e instigante. Já se foram cinco meses e nada mudara. Ela ainda pensava *nele*. E as coisas não ditas ainda passavam pela sua cabeça como um filme da sessão da tarde, tão repetitivo, que as falas todos sabiam de cor.

Atualmente, Isa dividia um apartamento, no bairro de San Lorenzo, com sua melhor amiga, Allegra, uma promotora de eventos que dividia seu tempo entre as festas dos outros e as que ela mesma organizava. Allegra costumava dizer que as festas eram as reuniões de trabalho ou que só estava checando a concorrência, Isa não reclamava porque sempre ia junto. Bebida de graça e uma chance de esquecer os problemas por uma noite.

O combo perfeito.

Enquanto se arrependia de suas decisões e tentava lembrar-se da noite anterior, seu celular tocou; abriu os olhos e tirou o aparelho da bolsa.

Na tela, piscava uma foto de Allegra segurando dois copos de tequila e com um limão nos lábios.

- Quem me incomoda? - Isa atendeu no terceiro toque.

- Como se você já não tivesse visto aquela foto ridícula no visor do celular - Allegra disse fingindo irritação.

- Aquela foto sempre me faz rir.

- Fico feliz que a minha foto completamente bêbeda consiga animar o seu dia.

- Nem ela, amiga. Acabei de perder o ônibus - Isa disse com um suspiro.

- Pega um táxi então - Allegra disse de maneira automática.

Táxi, limusines, convites para festas exclusivas, uma mesada semanal e muito tempo para dormir antes de começar as atividades da noite, faziam parte da vida de Allegra e de todas as outras promotoras de eventos/herdeiras/garotas de sorte que andavam com ela. Só Isa precisava encarar a realidade de um ônibus atrasado ou do fato do seu trabalho não ficar perto de nenhuma estação de metrô.

De fato, a amizade das duas parecia um clichê de filmes, pois Isa e Allegra levavam vidas bem diferentes até o dia em que se cruzaram pela primeira vez. Para começar, a mãe de Isa era a filha bastarda de um magnata italiano que engravidou uma das secretárias brasileiras designadas para acompanhá-lo em seus 10 dias de reuniões de negócios no Brasil; ele nunca se importou com o fruto daquela escapulida, mas sempre mandava dinheiro, achando que estava fazendo a sua parte. É claro que a

ausência do pai foi muito sentida pela mãe de Isadora, que passou a abominar qualquer contato com ele.

Depois que a idade chegou e seus filhos legítimos começaram a brigar por conta da herança, ele percebeu que tinha arruinado qualquer chance de ter um bom relacionamento com os filhos, inclusive com os netos que já cresciam esnobes.

Quer dizer, quase todos os netos. Quando Isa nasceu, o avô arrependido se aproximou e quis fazer parte da vida dela, buscando, de alguma maneira, compensar o tempo perdido. E foi essa atitude que mudou tudo, pois Isa nunca conheceu o insensível magnata italiano que fez sua mãe ficar eternamente magoada, mas sim o avô que brincava de bonecas com ela, que lhe dava beijos de boa noite, logo depois de uma taça enorme de sorvete, e que a ensinara italiano com desenhos e cortes de papel. Ela só tinha boas lembranças dele. E foram essas lembranças que ficaram quando ele se foi.

A história de Allegra era parecida. Sua mãe era empregada na casa de outro magnata italiano e, depois de alguns meses, ela também esperava uma filha dele. A diferença foi que o pai de Allegra assumiu todas as funções que lhe cabiam, tanto financeira quanto emocionalmente.

As duas se conheceram quando tinham 11 anos, no verão em que Isa foi passar suas primeiras férias na Europa; em uma cidade italiana chamada Porto Cervo, na região da Sardenha. Seu avô havia alugado uma casa para receber amigos e para aproveitar o melhor da Riviera Italiana. Os filhos dele também estavam lá, com seus filhos mimados e egoístas, que fizeram questão de deixar Isa de fora de todas as atividades. Ela costumava observá-los brincar na piscina, jogar bola na praia, pedir lanches e passar a tarde toda vendo filmes. De início, ela mentia para o avô dizendo que não se juntava a eles porque não falava bem o italiano. As coisas até funcionaram nos primeiros dias, quando eles fingiam que ela não existia, mas depois de algumas semanas passaram a implicar com Isa e, quase todas as noites, ela se escondia na cozinha, o lugar em que aquelas crianças jamais iriam. Certa manhã, enquanto ela se divertia ajudando a cozinheira a fazer uma verdadeira massa italiana, uma menina alta, muito magra e um pouco pálida, entrou sorridente na cozinha. Todas pararam de fazer o que estavam fazendo para cumprimentá-la. Isa ficou um pouco tímida, mas a cozinheira apresentou as duas e Allegra lhe deu o primeiro sorriso amigo depois de quase um mês de provocações.

Aos 11 anos e sem uma dominar a língua da outra, elas se falavam por mímica, mas logo ficou evidente que não era preciso falar italiano para entender quem era Allegra. Ela se misturava com as outras crianças como se fosse igual a elas, não se deixava intimidar e Isa queria ser assim também, mas tinha medo. O início da amizade das duas foi em uma terça-feira de agosto, Isa e Allegra estavam brincando próximas à piscina. Uma das primas de Isa correu até elas, fingindo chorar e apontando o dedo para Isa.

- Foi ela! - A menina disse com uma voz falsa de choro.

- O que? - Isa perguntou, já ficando assustada.

Uma das tias de Isa chegou logo depois com um vaso de cristal quebrado nas mãos.

- Além de bastarda, você ainda se acha no direito de quebrar a mobília da casa? - perguntou a mulher, tomando o cuidado de magoar a menina com cada uma das palavras ditas.

Isa não soube responder. Mesmo não tendo culpa alguma, não conseguiu negar e nem olhar nos olhos da prima e da tia. Só abaixou a cabeça, enquanto ouvia as barbaridades que alguém sem qualquer noção ou respeito falava para uma criança de 11 anos. As poucas vezes que conseguiu levantar os olhos, ela percebeu a prima fazendo caretas e rindo atrás da mãe.

Quando terminou seu pequeno show, a tia de Isa saiu enfurecida.

- Não faça mais isso, querida - A garota disse com um sorrisinho cínico nos lábios.

- É mesmo, *querida*? - Allegra começou, levantando-se e Isa a acompanhou.

Até hoje, nenhuma das duas sabia explicar como pensaram na mesma coisa; Isa sempre achou que a coragem de Allegra a havia contagiado.

Já de pé, encarando a prima e para tirar o sorriso presunçoso de seu rosto, as duas, ao mesmo tempo, deram um soco no rosto da garota; que saiu chorando e, dessa vez, reclamando com razão. O castigo

veio, mas valeu a pena. Os dois lados do rosto da menina ficaram marcados por algumas semanas e nenhuma das crianças teve coragem de implicar com as "garotas violentas". O resto do verão foi memorável e mais de 10 anos depois, a relação das duas só havia ficado mais forte.

- Claro - Isa disse ignorando a sugestão de Allegra. Aquela conversa de "não tenho dinheiro" já estava cansativa demais - Pode me ligar depois? - pediu.

- Só depois da minha soneca das 10:30, tá?

Isa deu um sorriso. Tem como não amar alguém que tira uma soneca as 10:30?

- Tudo bem, bom descanso - disse ela desligando.

Esperou por mais 20 minutos e três ônibus chegaram ao mesmo tempo, Isa subiu no primeiro deles. Enquanto Allegra se preparava para sua soneca da manhã, ela iria encarar mais um dia de trabalho.

A oportunidade de trabalhar no sebo surgiu em uma de suas caminhadas para refletir sobre o rumo que sua vida estava tomando. Depois de não chegar a qualquer conclusão, um mural de emprego, perto de um bar esquisito, chamou sua atenção. Ele era simples e feito de madeira escura, dezenas de ofertas em papéis coloridos pediam ensino superior em andamento e mesmo com um diploma brasileiro em economia, Isa não tinha a menor intenção de conseguir um emprego em sua área por dois grandes motivos: seu diploma não era válido na Itália e, principalmente, ela não tinha mais interesse em ser economista.

Ao chegar mais perto, no meio de tantas ofertas interessantes para aqueles com sonhos de carreiras de sucesso, meia página de ofício a informava sobre uma vaga em um sebo, perto do centro histórico. Estavam procurando amantes de história, de livros ou qualquer um interessado em arquivar e selecionar material velho e empoeirado.

Ela se encaixava na terceira opção. De alguma maneira, pelo menos.

Isa chegou ao trabalho com quase 45 minutos de atraso, e se o seu chefe não fosse um senhor de idade muito simpático e feliz da vida, ela teria perdido o emprego na primeira semana. Nos dois meses que estava trabalhando ali, ela nunca havia chegado no horário especificado no contrato.

- Desculpe o atraso, Cescio - ela disse assim que entrou.

Seu nome, na verdade, era Francesco, mas ele achava muito formal para aqueles de quem gostava e, por sorte, Isa era uma dessas pessoas. Ele era uma daquelas figuras de livros infantis, onde o avô tem cabelos brancos, olhos claros, a pele toda enrugada, uma perna menor que a outra (uma lembrança da Guerra, ele disse à Isa) e um sorriso que ajuda a melhorar o dia de qualquer um; o Cescio era exatamente assim. Ele havia perdido a esposa há três anos e só via os filhos nos fins de semana, cada um tinha sua própria vida (ele dizia). Isa achava que Cescio deveria ter uma renda fixa e que o sebo só funcionava como um passamento, pois quase não se via clientes ali.

- Não se preocupe, você sabe que só temos movimento depois das 11:30 - ele disse com um sorriso.

Essa era uma piada que ele sempre fazia. Desde a entrevista, ela sabia que Cescio não precisava de ajuda ali, ele só queria uma companhia, alguém para passar o dia ouvindo suas histórias. Isadora retribuiu o sorriso e colocou o avental e as luvas.

- Eu sinto que hoje o dia vai ser agitado - ela disse enquanto pegava um punhado de papel antigo e malcheiroso - não deu mesmo para salvar aquelas poesias? - acrescentou.

- Não - Cescio disse baixando os olhos - seriam bem valiosas se eu tivesse conseguido.

- É mesmo? E quanto valeria?

Cescio soltou um riso rouco.

- Em euros? Quase nada - disse ele, jogando fora pedaços de papel que não conseguiram sobreviver ao tempo.

Quando recebia a notícia de que algo não poderia ser salvo no sebo Isa ficava realmente triste. Antes de trabalhar ali, ela não tinha a menor ideia e nem nunca havia se interessado pela preservação de qualquer coisa que seja. Agora, Isa se revoltava quando eles recebiam livros comidos pelas traças e com

manchas amareladas, livros destruídos pelo tempo e pelo pouco caso que seus donos os submeteram; era triste ver a história indo embora. Era triste não poder salvar o que, um dia, foi parte da vida de alguém. Nos primeiros dias, ela passava os olhos por cada livro que chegava, tentando encontrar coisas particulares dos donos naquelas páginas velhas. Isadora imaginava quem teria lido, por onde aquele livro havia passado e o porquê de estar ali. Depois das primeiras semanas, ela se pegava reparando se alguém esquecia um livro no metrô, frequentava as feiras de livros usados, sempre procurando anotações ou poesias que ela achava que Cesco poderia gostar. Quando não se tem muito que fazer, a gente acaba inventando coisas para que tudo seja mais interessante.

- Que triste, a poesia de ontem era realmente linda - ela comentou, lembrando-se de um dos poucos pedaços de papel que ainda era legível.

- Sim, "O Infinito" do Leopardi - Cesco concordou - Você tem sido uma surpresa agradável, Isadora. Quando chegou aqui, eu jamais poderia imaginar que apreciaria um dos poemas mais aclamados da Itália - ele concluiu com um meio sorriso.

Ela não se ofendeu. Isa foi para a entrevista ainda de ressaca e mal conseguia deixar os olhos abertos.

- Bem, eu não o conhecia até ontem - ela disse dando de ombros.

Cesco soltou uma gargalhada.

- E a Isa intelectual vai embora, sem nem ter tido a chance de aproveitar um pouco.

- Ela não existe, Cesco. Olha só para mim? - Isadora falou dando uma voltinha e fazendo graça.

- O que eu vejo minha cara, você por algum motivo não consegue ver - ele disse cheio de mistérios.

- Posso ficar com o papel? - ela pediu.

Cesco foi até seu escritório e voltou com um pedaço de papel dentro de um plástico, entregando-lhe.

- Um presente para Isa intelectual, caso ela decida voltar.

- Obrigada - ela disse, beijando a bochecha dele.

- Pode ler para mim mais uma vez? - pediu Cesco.

Isa hesitou por um momento, mas acabou cedendo.

O Infinito

Sempre me foi querido esse solitário morro,

E esta sebe, que em grande parte,

Do último horizonte o olhar exclui.

Mas sentado e observando,

Espaços infinitos para além daquele,

E, silêncios sobre-humanos,

E, uma calma profunda,

Nos pensamentos me escondo,

Onde, por pouco, meu coração não tem medo.

Escuto o sussurro do vento nas plantas,

E vou comparando-o a tal voz.

E lembro-me do eterno, das estações mortas,

Da estação presente e viva, e o som que ela faz.

Assim, nessa imensidão meu pensamento se afoga,

É doce o naufragar neste mar.

- E então? - ele emendou assim que ela terminou de ler.

- A angústia de que tudo tem um fim? - respondeu meio incerta.

- E? - Cesco insistiu.

- E que...- ela tentou encontrar as palavras - E que pensando, talvez, seja possível chegar ao infinito?

Desculpe, interpretação não é meu forte - terminou, colocando o papel cuidadosamente em cima da mesinha mais próxima.

- Não se desculpe querida, essa é a beleza de qualquer poema - ele disse dando as costas.

- Como assim?

Cesco virou-se, pegou nas mãos de Isa e encarando seus olhos castanhos claros disse:

- O autor talvez estivesse falando de uma colina perto de sua casa e de como ali era possível ouvir o sussurro do vento. Apenas isso - percebendo a confusão nos olhos da garota, ele acrescentou - São os apreciadores de poesia que interpretam aquilo que precisam ouvir - concluiu.

Isadora esboçou um sorriso. Era estranho e surreal em como Cesco a fazia lembrar-se do próprio pai. As discussões de economia e política foram substituídas por poemas e literatura italiana, mas as palavras e a maneira como ele conseguia fazê-la refletir sobre os mais diversos assuntos alimentava a saudade em seu coração e, às vezes, ela até conseguia não chorar quando se perdia em lembranças.

- Vamos voltar ao trabalho? Os clientes devem estar chegando - ele propôs, secando uma lágrima que descia no rosto dela.

- Claro - respondeu Isa com um aceno e acrescentou - Acho que vou transformar as duas últimas linhas em recortes de papel.

Cesco sorriu para ela e olhou para a moldura que enfeitava sua mesa de restauração. Há algumas semanas, Isa o presenteou com trechos dos poemas favoritos dele. Todas as palavras recortadas em papel colorido e emolduradas em vidro duplo, com o entorno de madeira.

Se Isa pudesse escolher apenas uma coisa para fazer pelo resto da vida, seria passar o dia com um estilete e pedaços de papel colorido. Desenhando frases, ornamentos e cenas diversas e cortando cada detalhe para parecer que as letras e figuras estivessem flutuando. Além de fazer com que ela se lembrasse do avô e dos verbos em italiano que ele desenhava e recortava, sempre pedindo que Isa formasse frases ou períodos. Atualmente, nas horas em que ela se debruçava para cortar e não perder as linhas imaginárias das letras e desenhos, esse era o único momento em que se aproximava um pouco mais da Isadora que gostaria de ser.

Enquanto Allegra chamava de "hobby da terceira idade", Isa chamava de válvula de escape para os momentos em que só queria ficar sozinha e construir alguma coisa, mesmo que fosse inútil para todos à sua volta.

As 11:30 chegaram, se foram, e nenhum cliente entrou no sebo, nem mesmo espiou pela vitrine ou veio pedir indicações sobre como chegar na Fontana di Trevi. Cesco passou o resto da manhã em sua mesa de restauração e Isa, escondida na estante de romance, ocupou seu tempo trocando mensagens de texto com Allegra, que não havia conseguido dormir. A amiga insistia para que ela fosse a uma festa naquela noite, mas depois do fiasco da noite anterior e toda a bebida que ainda não tinha saído de seu sistema, Isa não queria pensar em festas e muito menos em homens.

- Vai sonhando! - ela disse em voz alta, quando Allegra mandou um vídeo fazendo biquinho e pedindo "por favor", e logo levou a mão a boca. Cesco poderia ter ouvido.

Isa duvidava que Cesco, nem por um segundo, acreditava que ela estava realmente trabalhando, mas ainda assim ela achava feio, deixar tão evidente que não estava fazendo o que deveria fazer. Vez ou outra ele aparecia para perguntar se ela já tinha separado os títulos por sobrenome dos autores e Isa deixava seu celular escorregar sorratamente para dentro do avental. Na quarta vez, perto das 14:00, ela não teve tanta sorte.

- Opa, pega no flagra - ela disse se desculpando.

- Só veja se consegue terminar antes de ir, tudo bem? - ele disse dando as costas.

Pouco antes de o turno terminar, a campainha da porta de entrada tocou.

Isa jogou o celular para dentro do avental e correu para ver quem era. Ali, perdidos entre livros antigos, a visita de qualquer pessoa gerava um grande entusiasmo nos dois. Quando chegou à recepção,

Cesco já estava falando com o cliente.

Isadora sorriu enquanto olhava para ele. Cabelos escuros e meio cacheados, que cobriam um pouco seus olhos da mesma cor, a pele bronzeada, a barba por fazer e um sorriso daqueles que é impossível parar para pensar em qualquer outra coisa. Como era verão, ele usava uma camisa regata, que deixava seus braços expostos, flexionados com o peso da caixa que segurava, e uma calça jeans surrada.

Valeu a pena deixar Allegra falado sozinha.

- Isa - Cesco fez sinal, assim que a viu parada na entrada da recepção.

Ela se adiantou e acabou esbarrando em alguns livros que estavam no chão, o momento perfeito para ser ela mesma. Muito bem, Isa! Pensou, revirando os olhos.

- *Ciao* - o rapaz disse e sorriu novamente para ela.

Isa acenou com a cabeça. Ela não tinha mais 15 anos, claro, e também já havia feito muitas coisas das quais não se orgulhava, mas quando se está carente e um italiano charmoso sorri para você, as palavras vão embora. Simples assim.

Ele esperou resposta por alguns segundos, mas quando Isa desviou o olhar, ficou evidente que um aceno seria tudo que teria naquele momento.

- Não temos interesse em papéis, rapaz - Cesco disse examinando a caixa.

- Mas aí também tem livros - ele disse tirando um livro todo gasto de dentro da caixa.

Isa chegou mais perto e viu dezenas de envelopes amarelados. Ela não conseguiu ler de quem ou para quem eram. Cesco pegou um deles e a expressão de simpatia e seu habitual sorriso foram substituídos por uma palidez preocupante.

Ela se aproximou agitada.

- Cesco? Tudo bem? - perguntou olhando para ele. E, sem querer, seu braço esbarrou nas mãos do rapaz, que já segurava Cesco para não deixá-lo cair.

Depois de alguns segundos ele respondeu, com a voz fina e com falta de ar.

- Sim. Tudo bem - e acrescentou para o rapaz - qual é o seu nome?

- Luca. Luca Morelli - ele respondeu.

Cesco encenou um breve sorriso.

- Pago, deixe me ver - ele andou até a caixa registradora, apoiando a mão no balcão - 450 euros pela caixa, Luca - e acrescentou - Tudo bem para você?

Luca olhou para Isa, como quem busca uma afirmação sobre a sanidade do senhor de cabelos brancos. Ela deu de ombros e ele sorriu.

- Obrigado! Muito obrigado! - disse colocando a caixa no chão para apertar a mão de Cesco.

- Isa, pode mostrar ao Luca onde deixar a caixa, por favor? - ele pediu, com os olhos passando do rapaz para a caixa no chão.

- Por aqui - ela disse fazendo sinal para Luca acompanhá-la.

Isa ficou um pouco chateada com a situação. O máximo que Cesco pagou por algo, nos dois meses em que ela estava ali, foi 30 euros por quase 20 livros. Ela precisava trabalhar três semanas para ganhar 400 euros e, pelo que havia percebido, só havia lixo naquela caixa. A vida era mesmo injusta para quem não tem montes de lixo para vender.

- Acha que tem algo valioso ali? - Luca perguntou.

- Se ele não te disse, é porque não tem - disse friamente.

Luca não respondeu.

- Pode deixá-la aqui - ela apontou para a mesa de seleção de material.

Isa achou que ele queria fazer mais perguntas sobre Cesco.

- Ele não é louco. Acho que só quer te ajudar - ela disse amolecendo.

- Que Deus o abençoe por isso - ele disse sorrindo.

Isa achou meio bonitinho que ele fosse religioso, mas não expressou sua aprovação.

Quando o rapaz falou novamente, sua raiva já tinha ido embora.

- Tem mais uma caixa lá fora - Luca disse e não esperou por ela para fazer o caminho de volta.

Isa olhou para ele e logo pensou em Allegra. Pegou o celular e bateu uma foto dele de costas. A questão era que Allegra era viciada em bumbum masculino.

O obturador fez barulho e Isa ficou sem saber o que explicar, caso ele virasse. Mas isso não aconteceu.

Quando passaram pelo salão, Cesco não estava mais lá.

- Para onde ele foi? - Luca perguntou.

- Provavelmente comer alguma coisa, já passa das 14:00 - Isa disse, olhando em volta à procura dele.

- Vocês não fecham para o almoço? - Luca perguntou.

- Não. O Cesco diz que não podemos nos dar a esse luxo.

Luca concordou com a cabeça e acrescentou - Pode deixar que eu pego a outra caixa - falou, andando em direção à porta.

Independente do ressentimento pelos 450 euros, ela foi atrás. Não ia perder a chance de vê-lo carregando peso mais uma vez.

Logo que saiu, Isadora piscou duas vezes para seu maior sonho de consumo. Azul claro, no estilo anos 1950 e, mesmo um pouco enferrujada, dava para perceber que ainda funcionava muito bem. A Vespa que ela sempre imaginou que teria. A saída perfeita para se livrar da dependência de ônibus e da falta de dinheiro para um táxi.

- Gosta dela? - Luca a pegou observando a Vespa.

- Sim. Estou pensando em comprar uma - ela disse se aproximando.

Luca ficou pensativo por um momento.

- Para a sua sorte, essa está à venda.

- Sério? - ela perguntou sem acreditar. Ele estava mesmo vendendo a Vespa ou só jogando conversa pra cima dela?

- Bem, não estava, mas se você quiser...- ele disse, levantando a caixa e entrando novamente na loja.

Qual era a daquele cara? Isa logo pensou que ele estava envolvido em alguma encrenca das grandes. Provavelmente com algum agiota ou dívidas de jogo. Era a única explicação para tanta vontade de fazer dinheiro. Mesmo com dúvidas sobre aquele estranho, ela se aproximou para olhar a Vespa mais de perto.

- Então, vai querer? - ele perguntou assim que saiu da loja, limpando as mãos na calça jeans surrada.

Sem lembrar-se da promessa de ficar longe dos homens ou de não estar pronta para investir em qualquer coisa que não fosse ela mesma, Isa achou que poderia se aproveitar da situação para conhecê-lo melhor.

A vontade quase sempre supera o lado racional.

- Não sei, podemos conversar depois. É que estou no trabalho - ela disse querendo parecer preocupada com o trabalho.

Apiada do ano.

- Você tem horário de almoço?

Isa sorriu por dentro. Era a deixa que ela precisava.

- Meu turno já está acabando, pode esperar?

- Tudo bem - ele concordou.

Enquanto Luca esperava por ela, Isa tentava encontrar um meio termo no banheiro: se arrumar, mas sem parecer que pensou muito sobre isso. Soltou os cabelos e fez uma careta para o espelho; logo hoje ela não tinha tido tempo de lavá-los ou de cuidar da pele ou de fazer qualquer um dos seus rituais matinais de beleza. Foi a segunda vez, naquele dia, que ela se arrependeu de não ter acordado cedo. Decidiu, então, relaxar e aceitar.

- Pronta? - Luca perguntou quando ouviu passos.

Isa percebeu que tomou a decisão certa assim que seus olhos encontraram os de Luca, ele não disse

nada e, com isso, não poderia ter sido mais claro.

Os olhos dele pararam nos cabelos que caíam pelos ombros e depois seguiram para o colo nu e a calça jeans apertada nos lugares certos. Ele não demonstrou se importar com os sanduíches que ela comia e até poderia agradecer pela falta do casaquinho.

Percepção é tudo, né?

- O que quer fazer? - ele perguntou recompondo-se.

- Podemos dar uma volta e conversar - ela sugeriu de maneira despretensiosa.

- Você já almoçou?

- Ainda não.

- Então vamos comer em algum lugar. Está muito calor para ficar andando - ele disse passando a mão na testa.

No caminho para sair da loja, Isa procurou Cesco com o olhar. Não percebendo qualquer sinal dele, deixou um recado avisando que já estava indo embora.

No ar quente e cansativo que soprou nos dois, Isa se abanou com a mão e quando olhou para o lado, Luca já havia subido na Vespa e dado partida.

- Ah, tudo bem, eu vou a pé - ela disse brincando.

Luca sorriu constrangido.

- Desculpe - ele falou, passando o capacete para ela - segura firme - pediu.

E ela segurou; mais firme do que o necessário. Enquanto eles passavam pelas ruas abarrotadas de turistas, Isadora debochava de si mesma, lembrando-se da promessa de ficar longe dos homens. Como sua mãe sempre dizia, ela tinha um desejo absurdo de procurar sarna para se coçar.

Giulia Mancini

É carioca, biblioteconomista (joga no Google!) e atualmente se apresenta como: Giulia, escritora (auto)publicada. Obrigada!

"Giulia Mancini" é um pseudônimo.

Quer falar comigo? Me dizer o que achou? Me xingar? Me mandar um presente? Me convidar para ir a Paris? Ou qualquer outra informação/convite? (Ah, lembrando que o meu site tem resenhas, papos de amiga, música, viagens, e tudo mais que me der na telha!) Veja a seguir como me encontrar (é só clicar nas imagens abaixo!):



Obrigada por ter embarcado comigo. Nos vemos na próxima viagem!

[1] Olá, minha pequena.